



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

GABRIELLA DOS SANTOS RODRIGUES

**O FUTEBOL NA PERSPECTIVA HISTÓRICA: OS PROCESSOS DE
POLITIZAÇÃO E CAPITALIZAÇÃO DO ESPORTE**

**BRASÍLIA
2021**

GABRIELLA DOS SANTOS RODRIGUES

**O FUTEBOL NA PERSPECTIVA HISTÓRICA: OS PROCESSOS DE
POLITIZAÇÃO E CAPITALIZAÇÃO DO ESPORTE**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Orientador(a): Profª Drª Gleisse Ribeiro Alves

**BRASÍLIA
2021**

GABRIELLA DOS SANTOS RODRIGUES

**O FUTEBOL NA PERSPECTIVA HISTÓRICA: OS PROCESSOS DE
POLITIZAÇÃO E CAPITALIZAÇÃO DO ESPORTE**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Prof^a Dr^a Gleisse Ribeiro Alves

BRASÍLIA, 30 DE SETEMBRO DE 2021

BANCA AVALIADORA

Prof^a Dr^a Gleisse Ribeiro Alves
Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

À minha mãe, minha maior inspiração, melhor amiga, companheira e comentarista de jogos do campeonato inglês e Champions League.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a minha mãe que são as minhas maiores preciosidades, sem eles jamais teria chegado onde cheguei. Obrigada mãe por tudo, mesmo. Ao meu irmão, meu companheiro e melhor amigo que sempre esteve comigo nos bons e maus momentos, e puxou minha orelha quando preciso ao longo da minha vida. Apesar de diferentes em diversos aspectos de opiniões e pensamentos, formamos uma dupla excepcional. Agradeço também aos meus amigos de faculdade, em especial a Letícia, Ana, e Jaelson, meus companheiros de jornada da graduação, amizades que levarei pelo resto da minha vida. À Giulia que está comigo desde o ensino fundamental e nunca me abandonou. E a professora Gleisse que confiou em mim e me deu todo suporte acadêmico durante minha jornada na graduação. Quero deixar claro aqui, o meu grande amor pelo futebol como uma arte e por toda sua importância para nós, torcedores e pelo clube que escolhi amar.

*Em que o futebol se parece com Deus?
Na devoção que desperta em muitos
crentes e na desconfiança que desperta
em muitos intelectuais.*

Eduardo Galeano

RESUMO

Ao longo dos anos, através da modernização do futebol e dos organismos que o regem como a FIFA e suas filiadas, foi aberto o debate acerca do futebol ser utilizado na esfera política e diplomática com o objetivo de influir politicamente nas relações entre os Estados ou entre as organizações internacionais. Este estudo busca analisar os processos de politização no futebol que levantam problemáticas importantes acerca da diplomacia, geopolítica e até as leis de um Estado na visão futebolística, apresentando casos históricos das primeiras utilizações do futebol como palanque político com fins de consolidação no sistema internacional. Perpassando por casos como a “Guerra do Futebol” entre Honduras e El Salvador. Até a repercussão acerca do financiamento de clubes, jogadores e competições internacionais por Estados do Oriente Médio no mundo globalizado. É abordado também questões acerca da utilização do ‘Soft Power’ e do ‘Sport Washing’ por entidades e Estados e as consequências disso como no caso Mkhitarian, além da questão pandêmica no futebol.

Palavras-chave: Futebol, política, diplomacia, geopolítica, FIFA, UEFA, Copa do Mundo, competições, Soft Power e Sport Washing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Confederação Asiática de Futebol
CAF	Confederação Africana de Futebol
CBD	Federação Brasileira de Desportos
CBF	Federação Brasileira de Futebol
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
DFB	Federação Alemã de Futebol
EAU	Emirados Árabes Unidos
FA	<i>Football Association</i>
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FIGC	Federação Italiana de Futebol
OFC	Confederação de Futebol da Oceania
ONU	Organização das Nações Unidas
RFEF	Real Federação Espanhola de Futebol
RFU	<i>Rugby Football Union</i>
UE	União Europeia
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM HISTÓRICA E RESISTENTE DO FUTEBOL	12
1.1 ORIGENS DO FUTEBOL E SEUS PRIMEIROS ANOS	12
1.2 A CONSTRUÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES FUTEBOLÍSTICAS	15
1.3 O FUTEBOL NO PÓS-GUERRAS	20
2. O USO DO FUTEBOL COMO PALANQUE POLÍTICO	24
2.1 O FUTEBOL EM ERAS AUTORITÁRIAS	24
2.2 - A EXPANSÃO POLÍTICA E DIPLOMÁTICA NO FUTEBOL	31
2.3 O FUTEBOL E A CRISE DA TORCIDA POLITIZADA	39
3. A NOVA ERA FUTEBOLÍSTICA: UM NEGÓCIO MUNDIALIZADO E RENTÁVEL	42
3.1. A GLOBALIZAÇÃO FUTEBOLÍSTICA	42
3.1.1 O CASO BOSMAN: COMPRA E VENDA DE TALENTOS	43
3.2 O CLÁSSICO ESTRELA VERMELHA E DINAMO ZAGREB: O NACIONALISMO NO FUTEBOL	45
3.3 O FUTEBOL E A DIPLOMACIA ESPORTIVA	50
3.4. O FUTEBOL E A GEOPOLÍTICA NA COPA DO MUNDO DE 2010: SUCESSO DO CASO SUL AFRICANO	56
3.4.1 A QUESTÃO DIPLOMÁTICA ENTRE CLUBES UCRANIANOS X CLUBES RUSSOS	59
3.4.2 A COPA DO MUNDO NO BRASIL: OS EMBATES ENTRE FIFA E A DEMOCRACIA.....	60
3.5. SOFT POWER OU SPORT WASHING?	60
3.5.1 CASO MKHITARYAN E O SPORT WASHING DO AZERBAIJÃO	62
3.6. O FUTEBOL EM TEMPO PANDÊMICO	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios no Oriente com o *Cuju* na China ou *Kemari* no Japão, na Europa dando vistas à divisão de classes sociais com o Chamado Futebol Escolar e com o chamado *Harpastum* ou *Calcio Storico* que se dava com práticas violentas, e logo após na América advindo com Charles Miller, por meio das cidades portuárias, o futebol foi se transmutando, evoluindo e ganhando solidez de regras e formas de práticas em âmbito global. Essa evolução foi observada ao longo dos anos por organismos internacionais visando a regulação do referido esporte, com jurisdição em todo o mundo e relutância de alguns atores sobre esta decisão que traz desfechos dúbios na contemporaneidade.

Fatos singulares como o do Desafio Amigável de Natal que em suma, foi um jogo não oficial entre Soldados do Exército Inglês e Soldados do Exército Alemão que no contexto da Grande Guerra, dias antes estavam guerreando em polos opostos, jogaram uma partida de futebol amigavelmente, terminando a partida com a vitória dos alemães por 3x2, essa partida também é conhecida por “Trégua de Natal”. Esse e outros exemplos são trazidos ao longo deste trabalho, onde em seu primeiro capítulo é visado a acessibilidade ao conhecimento dos marcos históricos e políticos desse tão importante esporte para o mundo.

Lançar luzes sobre a relação do futebol com a política no aspecto das relações internacionais é um fator determinante para investigar as relações de poder dos governos para com as federações e confederações que tratam das regulações, estatutos e regras em geral do esporte em questão. Diante esta incógnita, este trabalho de cunho analítico, se oferece à analisar historicamente as relações do esporte com a política com escopo nos principais acontecimentos que supostamente destoam da proposta geral do futebol, se acarreta em hipóteses de ingerência nos países e seus governantes e conseqüentemente nas respectivas autonomia e independência, a suposta exploração política das torcidas como ferramentas de gerar popularidade para alçar ou permanecer no poder.

O provável domínio político sobre federações, confederações ou qualquer outra entidade para destacar internacionalmente o país (que será palco de competições internacionais) e por conseguinte o governante, com anseio hipotético legitimar suas práticas institucionais ou até mesmo quando essas Federações e Confederações denunciam práticas que em geral, supostamente já não são bem quistas. Colocando certos países como sede dos eventos esportivos que atraíram os olhares do mundo para o país, advindo então críticas e/ou elogios, sendo então objetos de análise no segundo capítulo.

Por fim, quando se propõe a analisar fatos e atos políticos frente a qualquer outro elemento, é importante destacar elementos históricos como o conceito e as consequências da Globalização, principalmente atinente ao tema do trabalho. O Futebol e o uso do *Soft Power* e do *Sport Washing* no âmbito da temática principal, também é analisado diante de fatos acontecidos anteriormente sendo o conceito enraizado nos conceitos e supostos casos apresentados nos capítulos antecedentes resultando, portanto, em supostos excesso de Poder de entidades que regulam o Futebol. O contexto Pandêmico do cotidiano também foi objeto de análise, já que, se verificou supostos casos de interferências como no Caso Napoli, onde o governo Napolitano interferiu no Campeonato Italiano não permitindo a realização do clássico Juventus x Napoli em meio a pandemia por questões sanitárias, sendo estas temáticas apresentadas no terceiro capítulo deste trabalho.

1. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM HISTÓRICA E RESISTENTE DO FUTEBOL

Em diferentes perspectivas, o futebol pode ser transcrito de várias formas, primeiramente, é importante ressaltar a questão: “O que é futebol?” numa linguagem mais simples, e popular, é simplesmente um esporte competitivo, onde 22 pessoas chutam uma bola com a intenção de fazer gol. Em outra linguagem, vista por dentro do esporte e romantizada é a paixão que não se explica, intocada e muitas vezes chega a ser única. Vista de outra forma, o futebol é o sustento e o sonho de milhões mundo afora, de outra forma é a união, é o esporte que mobiliza milhões de estranhos dentro ou fora de estádios. É a arte que muitas vezes pode ser o gol, a superioridade técnica de um clube ou de um jogador, a emoção explosiva da torcida, tudo isso transforma o futebol em algo inexplicável na visão de um simples torcedor de futebol.

A definição do futebol moderno e a linhagem histórica envolta desse esporte desde sua origem na Ásia, que perpassou pela Europa com a formação moderna, pela criação da entidade controladora do futebol até os meados do final da Segunda Guerra Mundial serão tratadas de forma clara neste capítulo, sem o retrospecto político que será melhor trabalhado posteriormente.

1.1 ORIGENS DO FUTEBOL E SEUS PRIMEIROS ANOS

Ainda que as origens do esporte mais popular do mundo seja uma incógnita, há vestígios de jogos com bola em várias culturas e civilizações antigas, registros esses que apontam para a China Antiga. Foi durante o reinado do Imperador Amarelo a criação de uma espécie de jogo com chutes em uma bola que eram usados como treinamento militar. Entretanto foi durante a Dinastia Han que se deu início à prática do *Cuju* (蹴鞠) onde esse esporte se popularizou, assim se propagando do exército para as cortes reais, uma vez que o *Cuju* era um esporte bastante apreciado pelos imperadores das dinastias subsequentes (JUNIOR; RODRIGUES, 2018, p. 263). Segundo a FIFA, havia registros suficientes capazes de provar que na China já existiam jogos com chutes em uma bola rudimentar há mais de 2 mil anos (FIFA, 2004).

Outras variantes do *Cuju* foram vistas em outras localidades do oriente, cerca de 6 séculos após o *Cuju* se popularizar durante a Dinastia Han na China Antiga, no Japão esse esporte era chamado de *Kemari* apareceu durante o Período Heian, e tinha um caráter mais cerimonial onde era praticado por integrantes da corte japonesa, a bola era feita de bambu, era praticado em campos quadrados e a regra era que o contato físico não era permitido

(GUTTMANN; THOMPSON, 2001). O mesmo acontecia no mediterrâneo durante o início da Idade Média, na Grécia se destacou o *Soules* e em Roma o *Harpastum* (que mais tarde inspirou o *Calcio Storico*), ambos se usavam muito a violência e era praticado por militares que se dividiam em duas equipes: atacantes e defensores.

Aconteceu também nas Américas, onde registros de jesuítas relataram um jogo com bola nas regiões sul, território que atualmente corresponde ao Paraguai, durante as Grandes Navegações e o descobrimento do Novo Mundo. Em pelo menos todas as regiões do mundo há registros diferentes que possuíam as mesmas características, mas com nomes e práticas diferenciadas (MALAIA, 2020). Nos séculos finais da Idade Média, as Ilhas Britânicas desenvolveram jogos com bolas e equipes, esses jogos deram origem aos chamados de códigos britânicos que poderiam ser atividades diferentes, os primeiros códigos britânicos se caracterizavam por terem poucas regras, de acordo com Oliveira:

Assim, o futebol era visto como um “passatempo” vulgar pela aristocracia agrária e o clero, que acreditavam que fosse uma atividade desregrada e induzia os camponeses à violência, sendo a causa de muitas mortes por todo o reino. O clero responsabilizou o futebol pelo afastamento dos fiéis das igrejas, uma vez que os homens preferiam jogar futebol a frequentarem as missas dominicais (OLIVEIRA, 2012, pp, 171).

Chamados de Futebol Escolar que por conta de toda violência, barulho, e desorganização levou ao Rei Eduardo III a decretar uma lei proibindo a prática do jogo, condenando a prisão os praticantes, alegando ser um esporte não cristão, e a proibição perdurou por 500 anos. A partir dessa proibição, outros códigos foram desenvolvidos e assim, formas mais organizadas, e menos violentas se desenvolveram dentro e fora das Ilhas Britânicas, onde mais tarde deram origem ao rúgbi, ao futebol americano e ocorreram as primeiras grandes unificações do futebol. (OLIVEIRA, 2012)

Durante o século XVI na Itália, renascia *Harpastum* como *Calcio Storico*, onde era praticado com 27 jogadores de cada equipe deveriam levar a bola até os dois postes que ficavam de uma ponta a outra de uma praça de forma retangular. Assim como o *Harpastum* e o *Epísquiro*, o *Calcio Storico* era extremamente violento, pois os jogadores poderiam usar socos, pontapés, rasteiras e outros golpes violentos, era muito comum ter tanta violência pois os participantes levavam para campo seus problemas causados principalmente por questões sociais típicas da época (ESPN, 2017). Muitos pesquisadores apontam que por volta do século XVII o *Calcio Storico* saiu da Itália e chegou na Inglaterra ganhando regras diferentes e foi reorganizado e sistematizado para que pudesse ser menos violento, isso fez com que os

britânicos se dividissem sobre algumas regras, entre elas o fato da prática de não tocar a bola com a mão era mais aceita, enquanto alguns consideraram seguir a nova regra, outros não aceitaram. Em sua chegada à Inglaterra, onde era inicialmente praticado apenas por estudantes e filhos da nobreza inglesa, o futebol aos poucos foi se popularizando.

Foi finalmente durante a metade do século XIX, quando se encaminharam os primeiros movimentos para unificar todas as regras e formas do futebol como um único esporte. Em 1848 se sucederam as primeiras reuniões na *Universidade de Cambridge* onde foi criado um código de regras, chamadas até os dias atuais de *Regras de Cambridge*, no qual se valorizou a destreza dos jogadores ao invés da força, em que qualquer aspecto de violência entre si era sujeito a uma punição e a limitação do uso das mãos para tocar na bola durante uma partida. Cerca de 10 anos depois, foi criado o *Código de Sheffield* que modelou ainda mais o futebol, regras que até os dias atuais são usadas, como o uso de um travessão e a utilização de tiros livres, escanteios e arremessos laterais como formas de reintrodução da bola ao jogo (STEIN, 2014).

Em outubro de 1862 em Londres, a *Football Association* (FA) foi fundada na tentativa de unificar as regras e códigos que já estavam em vigor no futebol fossem plenamente aceitas, e impor limites entre as regras do Rúgbi e do Futebol. Cerca de 13 clubes estavam presentes, entre eles o *Blackheath* que por não ter concordado com a remoção de duas regras, se retirou e mais tarde juntamente com outros clubes de rúgbi vieram a criar a *Rugby Football Union* (RFU) (FA, 2019).

Com a criação da *Football Association*, de outras regras e códigos subsequentes que representam o marco do Futebol Moderno, os primeiros clubes de futebol começaram a ser fundados e registrados, assim, com as regras já definidas, deu-se início aos primeiros eventos. Em 1871 em comum acordo com 15 clubes de futebol, a FA criou a *The Football Association Challenge Cup*, que é bastante tradicional até os dias atuais na Inglaterra. Com a criação da FA e a regras unificadas em um regulamento, o futebol começou a se expandir internacionalmente, chegando rapidamente aos outros locais do Reino Unido, logo depois se expandiu para a Europa, fazendo com que os países criassem suas próprias associações (FIFA, 2000). A expansão do futebol pelo mundo ainda era lenta, mas a ideia do esporte novo era bem aceita nos países em que o Reino Unido tinha relações, datando ainda os anos finais do século XIX.

No Brasil, muitos historiadores alegam que o futebol chegou graças às mãos do paulista com ascendência inglesa Charles Miller, considerado o pai do futebol brasileiro que quando jovem foi à Inglaterra para estudar e depois retornou ao Brasil com duas bolas de futebol

na mala. Assim, ele introduziu o futebol na sociedade brasileira, porém outros autores acreditam que as cidades portuárias foram as primeiras a ter contato com o futebol:

Levado pela mão de industriais ingleses, o futebol disseminou-se pela Europa entre 1870 e 1890, penetrando por portos e ferrovias. Na América Latina foram as cidades portuárias – São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires – as primeiras a conhecê-lo (BARRINHA; NUNES, 2004, p. 127).

Foi em 1895 que Charles Miller fundou o *São Paulo Athletic Club*, considerada por muitos, a primeira equipe formada no Brasil (UNZELTE, 2002).

Com o passar das décadas o futebol foi se adequando cada vez mais à realidade brasileira, se expandindo pelos quatros cantos do Brasil e das Américas, uma vez que o futebol que no princípio, as primeiras ligas eram dominadas pela nobreza começava a ganhar espaço nas várzeas. Nos primeiros anos os campeonatos eram disputados apenas por homens brancos, já que a maioria dos primeiros clubes foram fundados por estrangeiros.

Entretanto, essa realidade mudou a partir da década de 1920 quando o Club de Regatas Vasco da Gama contou com sua base integrada por vários jogadores negros das periferias do Rio de Janeiro havia ganhado vários títulos durante esse período, e que após ter sofrido retaliações de outros clubes se negou a disputar a divisão principal do Rio de Janeiro sem seus jogadores negros, esta decisão entrou para a história do futebol brasileiro (PIRES, 2019).

1.2 A CONSTRUÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES FUTEBOLÍSTICAS

A rápida expansão global do futebol teve seu o ápice acontecendo em 1904 quando representantes das associações belga, espanhola, francesa, sueca e suíça em comum acordo com outras associações fundaram a *Fédération Internationale de Football Association*, a FIFA (Federação Internacional de Futebol) que regularia o futebol internacional. Nesse período foi criado o primeiro estatuto de ordem internacional e logo as primeiras regras para as competições foram criadas, e assim se iniciou o planejamento das competições de nível internacional (FIFA, 2007).

O futebol só teve seu reconhecimento oficialmente pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) durante os Jogos Olímpicos de Verão de 1908 em Londres, apesar de já ter sido disputado com equipes amadoras durante os Jogos Olímpicos Intercalados de 1906 em Atenas. Os anos seguintes foram de expansão, as associações futebolísticas de vários outros

países foram cada vez aderindo a ideia da central da FIFA, fazendo com que a associação inglesa se tornasse ultrapassada, essa relação entre FA e FIFA sempre foram muito tensas motivo este que será destrinchado ao longo deste estudo. Com o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o cenário do futebol europeu foi paralisado mesmo que muitos países não possuíssem ligas estruturadas e poucos eram os duelos entre seleções, representou um grande atraso na formação do futebol nestes países afetados pela guerra, principalmente na Inglaterra que já tinha um campeonato desde 1888.

No período da Grande Guerra o futebol fazia parte do cotidiano, basicamente dos momentos de lazer de numerosos indivíduos, embora o ritmo de expansão e desenvolvimento da modalidade fosse díspar de país para país. Além do famoso desafio amigável de Natal, entre jogadores do exército britânico contra os congêneres alemães, o futebol esteve presente, em múltiplas ocasiões, tanto nas mentes como nas atividades dos militares nos tempos de pausa do conflito (PEREIRA, 2018, pp. 181).

Este desafio amigável de Natal que o autor retrata é conhecido como a “Trégua de Natal” de 1914 em que soldados do exército inglês estavam estacionados na região de *Ypres* na Bélgica, foram surpreendidos por alemães desarmados que apareceram perto das trincheiras inglesas, com a intenção de confraternizar e dar presentes para aqueles que estavam atacando dias antes. Nesse clima amistoso em que alemães e britânicos trocaram presentes, conversaram e até prometeram manter correspondência após a guerra, alguém apareceu com uma bola de futebol: ingleses e alemães formaram duas equipes e assim se iniciou o jogo.

Há registros que a partida terminou em vitória para os alemães por 3x2, essa iniciativa não foi oficial, e os governos relutavam em oficializar a existência da trégua (BROWN, 2007). Essa trégua é vinculada até os dias atuais à paz que o futebol nos traz, e que também é um instrumento de harmonia entre amigos e inimigos, além de um escape poderoso para se esquecer os conflitos.

Na Inglaterra onde o futebol já estava com um maior desenvolvimento, o Campeonato Inglês de 1914/15 se quer teve sua primeira rodada, e nem mesmo os jogadores da época escaparam da necessidade do governo por soldados e tiveram que paralisar suas carreiras para lutar em nome de seu país durante a guerra, mas primeiramente houve um momento em que futebolistas britânicos foram muito criticados no início da guerra, pois as partidas de futebol do pré campeonato continuavam intensamente. A *Football Association* que estava sendo muito pressionada pelo governo britânico chegou em um acordo com os clubes que adotaram o cancelamento de todas as atividades.

Em dezembro de 1914, numa reunião em Londres com jogadores profissionais e amadores, surgiu o “Batalhão dos Futebolistas”, formado não só por atletas, mas também torcedores das equipes. No batalhão, havia algumas estrelas. Tommy Barber havia marcado o gol que deu o título da Copa da Inglaterra ao Aston Villa em 1913; Vivian Woodward atuava no Chelsea e havia defendido a seleção britânica nas Olimpíadas de 1908 e 1912; Sandy Turnbull havia sido o primeiro jogador a fazer um gol no recém-inaugurado Old Trafford, do Manchester United. Mas foi um time menos tradicional que se destacou: o Clapton Orient enviou todos os seus jogadores (SCHMIDT, 2014 apud. RIDDOCH; KEMP, 2008).

Com o futebol oficialmente paralisado na Europa por conta dos bombardeios, na América do Sul o futebol se espalhava rapidamente quando em 1916 a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) foi a primeira confederação a ser fundada por conta de um torneio organizado pela Argentina para comemorar o centenário de sua independência. O torneio chamado *Campeonato Sudamericano de Fútbol* contou com a presença das seleções nacionais da Argentina, Brasil, Uruguai e Chile. Com a nova confederação vigorando o futebol do bloco sul-americano, o torneio começou a vigorar nos padrões da confederação e a competição foi jogada no ano seguinte chamado de Campeonato Sul-Americano de Seleções até 1967, e a partir de 1975 o torneio passou a se chamar oficialmente CONMEBOL Copa América (CONMEBOL, 2010).

Retornando para a Europa, que com a epidemia de Gripe Espanhola durante o fim da Primeira Guerra Mundial, o futebol foi tendo seu retorno gradual, após um período de 6 anos o cenário europeu os países que foram devastados pela guerra e afetados pela epidemia demoraram um pouco mais para retornarem às atividades futebolísticas internas. Entre 1920 até 1938 foi um período de consolidação para os clubes de futebol, e a criação de campeonatos principalmente em alguns países da Europa e no mundo, ademais, se verifica no decorrer dessa leitura que foi durante esse mesmo período houve uma grande introdução da política nos gramados.

Em meio a esse período a FIFA realizou os primeiros campeonatos a nível mundial, que após a falha tentativa de 1906 e o sucesso do futebol amador nas Olimpíadas já realizadas até aquele momento o até então presidente da FIFA, Jules Rimet, novamente começou a organizar seu próprio torneio internacional fora das Olimpíadas. Em 1928 durante um congresso em Amsterdã, ficou decidido a primeira edição da Copa do Mundo FIFA e o país-sede para comportar um evento com esse peso foi Uruguai, até então era o bicampeão olímpico

de futebol e que além disso comemorando o centenário de sua independência em 1930 (FIFA, 2015).

Muitas associações nacionais foram convidadas a participar, contudo com a escolha do Uruguai como país-sede, significava uma exaustiva e dispendiosa viagem de navio pelo Oceano Atlântico para as equipes europeias. Até dois meses antecedendo o início da competição, nenhum país europeu tinha confirmado a presença de seus jogadores. Alguns dirigentes da FIFA foram enviados na tentativa de convencer as associações de vários países, até que jogadores franceses, romenos, belgas, e eslavos foram enviados para a América do Sul, assim a primeira edição da Copa do Mundo contou com treze equipes, sendo sete da América do Sul, quatro da Europa e duas da América do Norte. A Copa do Mundo de 1930 tem seu legado, o Uruguai entrou como favorito e fez valer deste favoritismo sendo o primeiro ganhador da primeira edição da história, o sucesso do torneio fez com que a FIFA organizasse uma nova edição da Copa em 1934. (CONMEBOL, 2019)

Após um longo processo de tomada de decisão e a desistência da Suécia de ser sede da Copa do Mundo de 1934, o nome italiano ganhou muita notoriedade, principalmente quando o ditador Benito Mussolini garantiu que dinheiro para o Mundial não seria problema, fazia questão que Copa fosse realizada em território italiano por motivos que serão destrinchados ao longo deste estudo e por decisão unânime do Comitê Executivo da FIFA em 1932, a Itália abrigou a segunda edição da Copa do Mundo.

A Copa de 1930 chamou atenção de muitas associações, fazendo com que 34 países solicitassem a participação na de 1934, um sucesso para o dado momento, porém a FIFA optou por fazer partidas eliminatórias para que somente 16 seleções participassem do torneio definitivo. Algumas associações não participaram do torneio como é o caso do Uruguai que em forma de protesto pela recusa de várias seleções europeias de comparecerem à América do Sul para a Copa sediada pelo próprio Uruguai.

A associação inglesa também não participou pois estava suspensa pela FIFA desde 1928 por não concordar com a política que a FIFA estava impondo sobre os atletas, mesma política que levou ao afastamento do futebol pelo COI durante os Jogos Olímpicos de Verão de 1932 nos Estados Unidos. Em suma, a Itália foi campeã da segunda edição da Copa do Mundo, com jogadores, dirigentes e comissão técnica sob pressão de Mussolini, que mandava bilhetes em todos os jogos do plantel italiano com os dizeres "vitória ou morte" (CROUCH, 2010).

Com o encerramento da Copa de 1934, a FIFA já buscava as candidaturas de outros países para serem sedes dos próximos eventos, levantou nomes acerca da Copa de 1938 e após a candidatura de três países, destes a Alemanha que já estava recebendo os Jogos

Olímpicos de Verão de 1936, França e Argentina que tentava levar o torneio de volta à América do Sul.

Em meio a um cenário de tensão crescente em virtude do aumento da sombra nazista e fascista na Europa, a FIFA confirmava sem dúvidas a realização do torneio em 1938 e optou pela França para ser sede na tentativa de homenagear Jules Rimet criador do torneio. Essa escolha provocou muitas desistências principalmente de países Sul-Americanos na tentativa de boicotar a Copa de 1938, em solidariedade à Argentina fazendo com que somente o Brasil e Cuba estivessem presentes, além disso, houve o veto da FIFA fazendo com que a Espanha nem competisse as eliminatórias pelo motivo da Guerra Civil que acontecia em seu território, e a Inglaterra não participou por considerar o torneio ainda sem grande expressão e por suas tensões com a FIFA (GEHRINGER, 2006).

Essa foi a primeira participação de Cuba e das Índias Orientais Neerlandesas (atualmente, Indonésia), e a Áustria que após as eliminatórias se encerrarem houve a anexação da Áustria com a Alemanha nazista, fazendo com que muitos jogadores austríacos jogassem pela associação alemã, isso fez com que a Alemanha se tornasse uma das maiores favoritas do torneio juntamente com a Itália.

Essa Copa foi bastante influenciada por fatores externos, a Itália de Mussolini que havia triunfado nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 e ganhado a Copa de 1934 em casa mostrou sua força e foi campeã novamente. Cerca de 1 ano após o encerramento da Copa do Mundo de 1938 algo roubava a cena no futebol, a morte repentina de Matthias Sindelar, jogador austríaco que havia “ousado” recusar o convite de Hitler para jogar pela seleção alemã. Essa morte teve muita repercussão pois Sindelar era um dos melhores jogadores do mundo da época que jogava no *Austria Viena*, clube fundado por judeus que após a anexação à Alemanha Nazista teve sua diretoria e jogadores totalmente trocada (MOLINO, 2009).

A FIFA tentou dar procedimento às escolhas das novas sedes para a futura Copa do Mundo de 1942 e 1946, entretanto em Setembro de 1939 se iniciava a Segunda Guerra Mundial, levando ao cancelamento dos próximos torneios e a uma nova paralisação no futebol europeu que dessa vez foi mais brutal no futebol, pois ligas e campeonatos internos já estavam em andamento e outros problemas foram enfrentados durante esse momento delicado não só na Europa mas no mundo inteiro, isso afetou o futebol na esfera em que clubes que foram devastados, e outros clubes se filiaram ao regime nazifascista, o futebol começou a mostrar o outro lado da moeda: o político.

O problema começou a ser presente no futebol desde que a hegemonia nazifascista começou, o nacionalismo exacerbado, supremacia da raça ariana começa dar suas caras no

futebol por meio de ações de jogadores, diretorias, e torcidas da época, ademais se verificará adiante o quanto esses problemas repercutem até os dias atuais (POLLAK, 1992). O caos instaurado entre os anos de guerra fez com que os principais campeonatos europeus fossem paralisados como o caso da Inglaterra que deixou de realizar o Campeonato Inglês entre 1939-40 até 1946-47, o Campeonato Francês que foi fundado em 1932 teve de ser pausado durante a temporada 1938-39 e retornado na temporada 1945-46, o Campeonato Alemão da era nazista (*Gauliga*) teve sua pausa na temporada 1944-45, retornando ainda em 1947-48 mas com a Alemanha já dividida e com outro domínio, e o Campeonato Italiano foi pausado entre a temporada 1943-44 e retornando 1 ano depois, na temporada 1945-46, Na Espanha, Portugal, Brasil e outros países as competições não chegaram a serem suspensas.

1.3 O FUTEBOL NO PÓS-GUERRAS

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a paralisação do futebol no cenário principalmente o europeu trouxe consequências diretas não somente para o futebol, mas para o esporte em geral, socialmente, politicamente e principalmente economicamente, vários clubes atravessaram pela crise econômica gerada pela guerra que devastou países, outros não resistiram e outros foram dissolvidos. Esses casos de dissolução aconteceram principalmente na Alemanha Ocidental, Oriental e na Itália, onde clubes teriam tido uma associação ao regime nazifascista, porém nem todos esses clubes foram dissolvidos, alguns deles têm certa relevância no futebol até os dias de hoje.

O futebol precisou de um tempo para alavancar após um período de necessidade e catástrofes, a FIFA e as associações tentavam movimentar com estímulos econômicos, porém o futebol começou a responder esses estímulos alguns anos depois, basicamente quando a FIFA realizou a Copa do Mundo de 1950 no Brasil, a primeira no período pós-guerras. A tentativa de trazer uma Copa do Mundo para os países Sul-Americanos desde 1938 com a candidatura do Brasil para ser sede do mundial de 1942 e 1946, a Alemanha também tentava ser sede em ambas datas mas que por ventura da guerra e do pós guerra violento que deixou a Alemanha destruída, a FIFA e as outras associações acabaram optando pelo Brasil que também já tinham os estádios prontos tamanha a expansão que o futebol conseguiu no país e o amor que os brasileiros tinham pelos clubes e pelo futebol em si (BRUM, 2014).

A Copa de 1950 foi marcante exatamente pelo fato da competição e do futebol resistirem ao tempo e as duas guerras que paralisou o mundo dos esportes, porém para países

como a Polônia, Hungria e Tchecoslováquia que foram devastadas pela guerra, e para a Alemanha que havia sido proibida pela FIFA era impossível a participação no mundial, e das 72 associações da FIFA somente 32 compareceram para as eliminatórias. Assim, além do Brasil como sede, e da Itália como último campeão já estavam classificados automaticamente, o mundial contou com 13 equipes que entre elas a Inglaterra fazia sua estreia em torneios mundiais.

A seleção brasileira entrou como favorita visto que contava com grandes jogadores e por estar em casa, esse favoritismo aumentou quando goleou a Espanha por 6 a 1 dentro do Maracanã, porém na final a taça de ganhador da Copa do Mundo ficou novamente para o Uruguai, que venceu o Brasil por 2x1 dentro do Maracanã lotado, e o silêncio e desalento dos brasileiros se tornou algo histórico e esse episódio foi intitulado de ‘*Maracanaço*’ (COSTA, 2020).

O gol da vitória no último jogo da Copa de 1950, feito em julho de 1950, quando o pequeno Uruguai derrotou o gigante brasileiro no Maracanã lotado, o silêncio da torcida brasileira foi um dos piores da história (KENTROTIS, 2018, pp. 487)

Os anos se passaram e a FIFA continuou realizando a Copa do Mundo em 1954 foi a vez da Suíça virar anfitriã em comemoração do 50º aniversário da criação da FIFA e da sua sede que ficava em Genebra. A Copa de 1954 marcou o momento em que a Alemanha voltava a participar de um torneio, porém participou com a seleção da Alemanha Ocidental que mais tarde não só participou, mas também se consagrou campeã da Copa derrotando a favorita Hungria por 3x2, além disso, a Copa de 1954 foi o primeiro torneio mundial a ser televisionado e foi o primeiro em que os jogadores começaram a usar a numeração nas costas (FIFA, 2014)

O destaque de 1954 não fica só com a realização da Copa na Suíça, mas também com a criação da UEFA (União das Federações Europeias de Futebol) e da AFC (Confederação Asiática de Futebol), cerca de 3 anos depois, em 1957 foi criada a CAF (Confederação Africana de Futebol), em 1961 foi fundada a CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe) e a última a ser fundada em 1966 a OFC (Confederação de Futebol da Oceania)¹. Todas estas confederações representam e regulam o futebol regional, e seguem as mesmas configurações da CONMEBOL, além de simbolizar um impacto nas competições e tirar o peso de responsabilidade da FIFA, porém todas as confederações respondem à FIFA.

¹ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/federa%C3%A7%C3%A3o-internacional-de-futebol-fifa/t-19555774>

Os anos seguintes foram de modernização no futebol e na FIFA, em meio a Guerra Fria que estava no seu auge, novas Copas foram realizadas e novas competições foram criadas, entre elas competições regionais-internacionais organizadas pelas confederações de cada região. Em 1955 foi criado pela UEFA a Copa dos Clubes Campeões Europeus (atual *Champions League*) inspirado na edição única do Campeonato Sul-Americano de Campeões; o mesmo aconteceu na CONMEBOL, quando em 1960 foi criada a Copa dos Campeões (atual Copa Libertadores da América); o mesmo se repetia na CONCACAF em 1962 com a Copa dos Campeões da CONCACAF (atual Liga dos Campeões da CONCACAF); na CAF em 1964 com a Copa Africana dos Campeões, na AFC em 1967 com o Torneio dos Clubes Campeões da Ásia (atual Liga dos Campeões da AFC); e finalmente e tardiamente na OFC em 1987 com a Copa dos Campeões da OFC (FIFA, 2020).

Como dito anteriormente, os anos subsequentes foram de modernização, e o Brasil de Pelé atingiu o grande triunfo durante a era de ouro no futebol que se iniciou na Copa de 1958 na Suécia, e seu ápice foi o tricampeonato na Copa de 1970 no México em meio ao regime militar no Brasil. Esse grande triunfo de Pelé e do Brasil foi ofuscado pela situação da Guerra Fria e da Guerra que estava prestes a eclodir na América Central especificamente entre El Salvador e Honduras que será melhor discutida no próximo capítulo. O fim da Guerra Fria e os acordos da União Europeia iniciava a era que até os dias atuais é muito forte, principalmente no futebol europeu: a era da globalização que será discutida juntamente com o caso Bosman que abriu as discussões nas altas cúpulas das confederações (principalmente da UEFA) e da FIFA:

As mudanças radicais nas relações internacionais ocorridas em razão do fim da Guerra Fria foram também um espelho para as mudanças no futebol em questões competitivas, legais e econômicas. (...) Na década de 1990, quando a UE ofereceu aos seus membros uma integração coletiva através do direito comunitário e de uma moeda comum, oficialmente iniciou a era da globalização no futebol, livre de limites de qualquer tipo (KENTROTIS, 2018, pp. 484, 485).

A construção de um esporte tão imponente e popular como é o futebol em sua versão mais moderna como conhecemos hoje advém de inúmeras versões que, através dos séculos foi se aplicando e criando regras. No presente capítulo foi tratada da origem na China e no Japão, da evolução na Inglaterra, disseminação na Europa e expansão mundial que culminou na imagem de um futebol e dos clubes que em sua maior parte, enfrentaram guerras e crises sem perder a essência e a tradição do futebol moderno de 1860.

É importante ressaltar que durante todo esse tempo e na guerra fria o futebol perdeu pouco a pouco sua inocência, transparência e sua relação de paz e harmonia que foi construído ao longo do tempo e acabou se tornando um grande palco de manifestações políticas e diplomáticas que têm se aproximado mais de fenômenos nacionalistas, racistas, violentos, intolerantes e sexistas. Desde os tempos mais antigos estes episódios ocorrem no futebol com frequência, episódios como os da Tragédia de *Heysel* em 1985 e o Desastre de *Hillsborough* em 1989 estão amplamente ligados ao *Hooliganismo* e com esses pontos mencionados acima, que será melhor discutido a seguir.

2. O USO DO FUTEBOL COMO PALANQUE POLÍTICO

“Futebol e política, uma mistura tão óbvia quanto a alienação de quem a despreza” é o título da manchete optativa dada por Breiller Pires em junho de 2020 contando um pouco sobre as manifestações políticas organizadas por torcidas do Corinthians, São Paulo e Santos que ocorreram em maio de 2020.

Em decorrência da crítica situação institucional que o país mergulhou durante a eclosão da pandemia de COVID-19, a torcida organizada consideradas antifascistas dos principais clubes da cidade de São Paulo, conduziram o ato em defesa da democracia que já vinha sido atacada pelo país ao longo dos anos pelos militantes apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Não somente as torcidas organizadas de São Paulo, mas as torcidas organizadas do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre endossaram e se juntaram ao clube dos antifascistas (PIRES, 2020).

Quem diz que esporte e política não se misturam provavelmente nunca aprofundou o olhar para o jogo de bastidores nem atentou para os cerimoniais de premiação dos times campeões. Usar o futebol como plataforma de exibicionismo é prática antiga dos políticos, assim como clubes e federações insistem em atrair autoridades à solenidade de medalhas e troféus (PIRES, 2019).

É com esse e outros acontecimentos que serão discutidos ao longo deste capítulo, onde veremos questionamentos acerca da mistura do futebol e da política, seja ela por meio dos indivíduos presentes no campo em uma partida de 90 minutos ou seja as torcidas presentes nos estádios de futebol.

2.1 O FUTEBOL EM ERAS AUTORITÁRIAS

Primeiramente, é necessária uma definição de política para que se possa explicar a relação com o futebol. Embora existam versões acerca da definição de política, a base da política vem de Aristóteles que define a política como um meio para os alcançar a felicidade dos cidadãos e para isso ser possível, o governo deve ser justo e as leis criadas devem ser obedecidas:

Mas, para que um Estado seja bem organizado politicamente, não basta que tenha boas leis, se não cuidar da sua execução. A submissão às leis existentes é a primeira parte de uma boa ordem; a segunda é o valor intrínseco das leis a que se está submetido. Com efeito, pode-se obedecer a más leis, o que acontece de duas maneiras: ou porque as circunstâncias não permitem

melhores, ou porque elas são simplesmente boas em si, sem convir às circunstâncias (ARISTÓTELES, 2001, pp. 68).

Se iniciando pela dimensão, a política por primazia é algo da característica do ser humano, encontrando-se de forma essencial, ou seja, não há indivíduo sem política mesmo se isolando de outros indivíduos.

Em primeiro lugar, qualquer indivíduo é um animal político, como afirmou Aristóteles em sua obra “Política” (RIBEIRO, 2020, p. 25-26). A princípio, o futebol moderno nasceu como uma ação política, uma forma da classe trabalhadora ocupar o tempo livre, já que era uma atividade física realizada entre os mais diversos círculos sociais. De certa forma essa ação surge como forma de distinção e teve como berço a Inglaterra vitoriana, lugar onde representou o apogeu do capitalismo e da burguesia, uma tradição puramente inglesa entre as tradições que foram criadas no século XIX, e se perpetuaram durante o tempo (RIBEIRO, 2020, p. 29).

A criação de vários clubes de futebol na Inglaterra adveio dessa classe trabalhadora muitos deles da própria capital inglesa, como o *Arsenal Football Club* criado pelos trabalhadores da antiga indústria bélica londrina e o *Fulham Football Club*, que têm o nome do seu estádio *Craven Cottage*, uma homenagem aos antigos trabalhadores da indústria têxtil da Inglaterra (GIULIANOTTI, 2004).

A modernização do futebol ocorreu em meio a Revolução Industrial e em meio a uma grande reforma da educação na Inglaterra, e foi regulamentado nas escolas da Inglaterra que alguns anos depois teve mãos da Igreja Católica, que implantou uma série de regras na tentativa de reduzir a violência que assolava tanto o *Rugby*, quanto o futebol (SIGOLI; JUNIOR, 2004, p. 114). O crescimento do futebol nas escolas e no cotidiano do povo inglês, se construiu uma significação social que ao longo dos anos de desenvolvimento já estava virando um sentimento de pertencimento para os ingleses, e esse sentimento fez com que os ingleses criassem um vínculo com o esporte, que mais tarde virou um símbolo inglês (GIULIANOTTI, 2004).

Assim, como visto anteriormente, o futebol é uma experiência secular, e que ao longo dos anos viu a política pouco a pouco entrando no cenário, principalmente por meio dos Estados que viram no futebol uma oportunidade para alavancar a economia, reafirmar políticas, fazer propagandas estatais, e promover a imagem do Estado no ambiente internacional (VASCONCELLOS, 2008). Logo o processo de politização do futebol ocorreu de forma gradual e de certa forma rápida, ocorrendo entre a segunda parte do século XIX e todo o século XX.

Na Inglaterra, o movimento de regulamentação dos jogos populares, ocorrido nas escolas aristocráticas (Public Schools), culminou no surgimento do Esporte Moderno, que foi institucionalizado pelo associacionismo (clubes e federações) no final do século XIX. O esporte foi utilizado como instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador visando evitar faltas e aumentar a produção nas fábricas (SIGOLI; JUNIOR, 2004, p. 112).

Como dito anteriormente, historicamente os esportes em geral são vinculados às figuras de poder, na maioria das vezes essa vinculação era advinda dos vencedores das disputas que são atribuídas até os dias atuais, seja de forma secundária atribuídas como forma de demonstração de poder para outras autoridades, o que é bastante explícito por exemplo durante a realização de uma Copa do Mundo, onde o elemento de demonstração de poder está ligada seja ao Estado que é sede, seja à seleção que ganha a competição (VASCONCELLOS, 2008). Na política contemporânea, não somente o futebol, mas o esporte em geral tem cada vez mais se destacado como um interlocutor do nacionalismo e se tornou um grande instrumento de política externa para os Estados, promovendo o sentimento nacionalista em todos os âmbitos. Sendo utilizado ainda como ferramenta política e diplomática entre os Estados não apenas para promover o esporte, mas também promover seus interesses (PRATES, 2016).

O distanciamento entre o futebol e o Estado acabou no pós Primeira Guerra Mundial, época essa que levou o esgotamento da democracia liberal e que mais tarde levou ao fracasso da Liga das Nações, e o que sobrou da sociedade autônoma da época foram os escombros da terra arrasada, nesse contexto surgiram os governos autoritários e totalitários que atuaram nas restrições de liberdade esportivas, que passaram a ser politicamente usadas tanto para atender aos serviços de manipulação da sociedade e centralização do poder, tanto para dar mais legitimidade aos regimes da época (RIBEIRO, 2020).

O uso do esporte como ferramenta política teve seu marco inicial nos regimes da Itália Fascista e na Alemanha Nazista, quando o partido Nazista notou o poder de propaganda que as Olimpíadas possuíam, e foi nesse momento em que o Estado-nação totalitário descobre o poder do futebol (RIBEIRO, 2020, p. 34). Assim, segundo Vasconcellos, o esporte se tornou uma grande arena política após as primeiras investidas.

Magníficas manifestações esportivas, como as Olimpíadas e as Copas do Mundo, transformaram-se em palco para peças políticas e palanque para discursos pletóricos. Em 1936, Adolf Hitler e Joseph Paul Goebbels reconheceram o imenso poder propagandístico dos jogos e as Olimpíadas de Berlim passaram a ser supervisionadas diretamente pela cúpula nazista. Era a

oportunidade então de, segundo o poderoso Ministro de Propaganda do Terceiro Reich, “a Alemanha receber todos os povos da Terra e mostrar a eles o quanto é capaz o povo alemão” (VASCONCELLOS, 2008, p. 121).

O partido nazista se deu conta do quão grande era o poder de propaganda destes eventos esportivos dois anos antes quando foi realizada a segunda Copa do Mundo na Itália em 1934. Quando Mussolini viu a oportunidade de promover seu poder e validar seu governo em meio à comunidade internacional que já questionava seu governo, assim o viés ideológico tomou conta do torneio. Meses antes do início do torneio, Mussolini obrigava os dirigentes de clubes a fazerem propaganda em todas as cidades italianas, pois os jogadores representavam uma exaltação do fascismo no futebol (MARTOLIO, 2014).

Essa organização contava com Giorgio Vaccaro, que na época, além de general do Exército e presidente da Federação Italiana de Futebol, era dirigente da *Società Sportiva Lazio*, o clube da cidade de Roma que mais tarde teve Mussolini como torcedor (MARTOLIO, 2014).

Se, no plano ideológico, Mussolini consagrava seu totalitarismo perseguindo adversários, minorias e expulsando estrangeiros do futebol, no campo da estratégia ele sabia que não conseguiria sucesso na Copa só com atletas nascidos em solo italiano. Assim, para fortalecer a seleção e conquistar o troféu, a Itália vai buscar jogadores de qualidade na América do Sul. Invoca uma lei vigente, que garantia dupla nacionalidade de forma automática a qualquer filho de italiano. Eram os oriundi, termo derivado do verbo latino oriri (nasceu). Da seleção que jogaria o Mundial, cinco atletas tinham origem sul-americana: o brasileiro Anfilogino Guarisi (Filó) e os argentinos Luis Monti, Attilio Demaría, Raimundo Orsi e Enrique Guaita (ROSA, 2019).

Foi nesse momento que houve um maior interesse de associar os governos à imagem popular que o futebol oferece, por ter sido consagrado um esporte popular, Mussolini usou desse artifício nos próximos eventos esportivos mundiais, como é o caso da medalha de ouro no futebol durante as Olimpíadas de Berlim em 1936 e conquistando o bicampeonato de Copa do Mundo, dessa vez na França em 1938, a última a ser realizada no pré Segunda Guerra Mundial (RIBEIRO, 2020). Logo após o futebol teve uma longa pausa em virtude da guerra ter se iniciado em 1939. Alguns dos principais campeonatos tiveram que ser parados e as Copas que seriam realizadas em 1942 e em 1946 foram adiadas, representando um grande atraso no futebol, principalmente no europeu (BRUM, 2014).

Alguns clubes de futebol sofreram muito com perseguições e retaliações durante o regime nazista na Alemanha e na Itália durante este período. Se por um lado havia clubes que se beneficiavam por conta dos regimes totalitários, do outro havia os que eram perseguidos

pelos governos. Na Alemanha dois clubes se destacam, o *Bayern München*, fundado em 1900, alguns dos signatários de fundação eram judeus, assim, a influência judaica se alastrou e em 1910, um judeu se tornou presidente do clube. Também se destaca o *Borussia Dortmund* clube fundado em 1909 que também tinha membros judeus em sua fundação, entre outros clubes alemães que tiveram judeus em sua formação (COPA, 2020).

Na ascensão do Terceiro *Reich*, muito desses clubes foram retaliados, em 1935 houve o banimento oficial dos judeus de todos os esportes e cúpulas esportivas, sendo que em 1933, muitos já estavam fugindo da Alemanha, entre eles, o presidente e o treinador do *Bayern München* e a diretoria do *Borussia Dortmund* e outros clubes (COPA, 2020). Vindo na contramão, o *Schalke 04* que estava tendo uma era vitoriosa, juntamente com *TSV 1860 Munich* que foi abertamente financiado pelo partido nazista como uma forma de desestabilizar seu rival, o *Bayern München* (NARCIZO, 2020). O *Schalke 04* apesar da sua era vitoriosa, que inclusive muitos historiadores e torcedores contestam a ligação do clube com o partido nazista, além da DFB (Federação Alemã de Futebol) que também nega a ligação que tinha com o partido, apesar de ter ajudado a propaganda do governo nazista:

Retomando a ideia de Goebbels como um entusiasta da utilização do futebol enquanto ferramenta política e de propaganda. Com a anexação da DFB à Federação Alemã para Exercícios Físicos, as partidas de futebol foram transformadas em treinamento paramilitar e os jogadores forçados em realizar a saudação nazista, em jogos e treinamentos. (...) Goebbels viu a possibilidade de utilizar a seleção alemã como ferramenta de propaganda do regime, desta maneira a seleção alemã começou a fazer diversos amistosos internacionais, tanto em solo alemão quanto em solo estrangeiro (NARCIZO, v. 135, n. 11, 2020).

O mesmo acontecia na Itália que durante a década de 1920 muitos clubes se fundiram ou deixaram de existir, a fundação da *Società Sportiva Calcio Napoli*, da *Associazione Calcio Firenze Fiorentina*, *Associazione Sportiva Roma* entre outros clubes são resultado da fusão entre vários clubes, respectivamente entre 1925 a 1930 (COPA, 2020). Mussolini não era fã de futebol, porém ele e outros membros do partido fascista sabiam que era o futebol o meio de dominação das massas, então ele nomeou o líder de uma milícia fascista em Bolonha, Leandro Arpinati como presidente da FIGC (Federação Italiana de Futebol) em 1926 para cuidar do futebol e dar toques fascistas no esporte (COPA, 2020).

Em seu primeiro ato, Arpinati publicou a *Carta di Viareggio* que reformulou o futebol italiano ainda em 1926 em que foi instituído o profissionalismo no futebol italiano, onde

os estrangeiros foram proibidos de atuar pelos clubes italianos, e a criação das divisões A e B dos campeonatos nacionais e do acesso às divisões (*Play-offs* para admissão à Divisão Nacional) (CACOZZA, 2010). Além de tais medidas, foi levado em conta a disparidade entre os clubes do norte com os clubes do sul italiano, o que resultou na fusão comentada anteriormente pois para o partido fascista, assim a propaganda política em cima do futebol, era melhor que todos os clubes estivessem no mesmo nível técnico (CACOZZA, 2010).

Foi também durante a Segunda Guerra Mundial que ficou marcado na história de um dos principais clubes da Ucrânia (antiga URSS), que se viu sendo massacrada durante a invasão nazista em 1941. O *Dynamo Kiev* que havia sido fundado em 1927, competia a temporada 1940/41 que jamais foi concluída pelo início da quebra do pacto de não agressão entre a Alemanha Nazista e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com isso vários jogadores largaram o futebol para se juntar ao exército soviético e o clube precisou mudar de nome, sendo conhecido como *Start FC*, seus jogadores eram funcionários de uma padaria local e alguns ex-jogadores da equipe (DOUGAN, 2004).

Por causa pobreza gerada pela crise decorrida da invasão, assistir futebol era uma das formas de resistência e entretenimento do povo daquela região, assim o *Start FC* competia um campeonato paralelo que foi permitido pelos nazistas e ganhava todos os jogos de clubes que eram da região ou de regiões ocupadas, porém isso mudou quando o clube começou a enfrentar clubes formados por militares nazistas. Quando o clube goleou o *PGS* e em seguida goleou o *Flakelf* (plantel formado por militares *Luftwaffe*) os nazistas não aceitaram a vitória do que eles diziam ser uma sub-raça que lutava com a subnutrição e marcaram uma revanche para 9 de agosto no estádio do *FC Zenit* (DOUGAN, 2004). Na chegada do dia 9 de agosto de 1942, segundo Dougan, durante o pré-jogo foi notado várias irregularidades, revelando vários detalhes dos bastidores e da história do jogo:

O Start não estava apenas sendo convocado a enfrentar um time alemão bem-treinado, bem-alimentado e com o reforço de novos jogadores, mas também teria pela frente um oficial da SS como árbitro. Além disso, a solicitação de “saudar os oponentes à nossa maneira” só podia significar uma coisa: esperava-se que eles comessem a partida com a saudação nazista e gritassem “Heil Hitler” (DOUGAN, 2004, p. 121).

Ao notarem essas irregularidades, alguns jogadores já se preparavam para o que viria a seguir, foram ao campo e esperaram os jogadores nazistas saudando Hitler e como um ato de resistência por parte dos jogadores ucranianos contrariando toda a instrução passada no vestiário:

Os alemães aguardavam que os ucranianos os acompanhassem na saudação. Eles permaneceram em silêncio por um momento, com as cabeças baixas. Era chegada a hora. A decisão fora tomada. A pausa prolongou-se desconfortavelmente. Devagar, um a um, eles ergueram os braços. A multidão se calara. Os fãs do Start estavam perplexos, confusos. Mas quando os braços chegaram ao alto, os jogadores ucranianos os dobraram sobre o peito e gritaram a uma só voz: “*FizcultHura!*” (DOUGAN, 2004, p. 121).

Por fim, o jogo terminou com vitória de 5 x 3 para os ucranianos, apesar dos erros de arbitragem que marcava as faltas cometidas pelos jogadores da *Start FC*, o clube não chegou a comemorar a vitória em cima dos nazistas, por temerem os próximos dias. Na medida em que os próximos dias após o fim da partida histórica se aproximavam, o ar de preocupação pairava na padaria onde os jogadores do clube trabalhavam (DOUGAN, 2004). O clube fez sua última partida derrotando o *Rukh* novamente, desta vez por 8 a 0. Alguns dias depois, todos os jogadores foram presos e levados até um campo de concentração onde muitos sofreram com a tortura e acabaram morrendo pelas mãos da *Gestapo* (Polícia Secreta Oficial da Alemanha Nazista). Segundo Dougan, apenas 3 jogadores do antigo Start FC conseguiram sobreviver aos horrores e levaram a história do clube à frente, entre eles Makar Goncharenko:

Finalmente, foi Makar Goncharenko, o homem que conservou suas chuteiras porque tudo o que queria era jogar futebol, quem ficou como testemunha e deu seu depoimento sobre o heroísmo dos outros. Ele não tinha qualquer interesse pessoal ou político. Goncharenko foi o derradeiro sobrevivente. O ponta, que ganhou a medalha de prata com o time do *Dínamo* de 1936, morreu com mais de 80 anos, em 1996. Ele deu uma longa entrevista pelo rádio, 50 anos depois do verão do F.C. Start, na qual rememorou o que lhe acontecera e aos seus companheiros (DOUGAN, 2004, p. 161).

Esses recortes trazem à tona que a política se arraigou no futebol e o usou como meio para ambições em diversos sentidos, seja para perpetuação no poder, demonstração de força ou até mesmo a chegada ao poder, apartando, portanto, o caráter de competição e trabalho em equipe que comumente é constatado ao assistir com um fino rigor crítico.

2.2 - A EXPANSÃO POLÍTICA E DIPLOMÁTICA NO FUTEBOL

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, os países europeus não estavam em clima de competição mesmo com tamanha magnitude como a Copa do Mundo. Clubes

nacionais se viram em uma crise financeira e institucional, muitos deles colapsaram e desapareceram ao longo da guerra e outros após 1945. Algumas federações que cuidam do futebol nacional de cada país criaram eventos para comemorar o fim da guerra e a volta do futebol, criando torneios amistosos a fim de promover e ajudar também na receita econômica dos clubes (TRIVELA, 2018). Em uma turnê promovida pela FA (*Football Association*) com a intenção de celebrar o fim da guerra e o retorno do futebol, sentimento de união entre europeus e soviéticos superavam as diferenças entre o capitalismo e o comunismo que se tornaram mais intensas quando se iniciou a Guerra Fria, assim o *Dínamo de Moscovo* foi convidado para participar da turnê em novembro de 1945 (TRIVELA, 2018).

No pós Segunda Guerra Mundial, a situação política mundial se transformou e as sociedades foram divididas em dois blocos, divisão essa que se deu tanto ideologicamente, quanto em relações entre o ocidente e o resto do mundo, a concentração de capital, os novos países surgindo no ambiente internacional e os avanços descoloniais impactaram a política internacional. No futebol, os avanços foram brandos pois ainda estavam em recuperação da Segunda Guerra. A expansão da FIFA foi maior nos anos iniciais da Guerra Fria já que novos países se filiaram, o que causou dificuldades para gerenciar a FIFA e houve uma grande aproximação da FIFA com a diplomacia internacional que até então sob a hegemonia dos aliados vencedores da Segunda Guerra (RIBEIRO, 2020).

A começar pela Copa de 1950 em que a sede foi o Brasil por pura conveniência, pois foi levado em conta a situação em que a Europa ainda se encontrava por conta da guerra, além disso, o Brasil foi escolhido por unanimidade por conta dos estádios que já estavam construídos devido a paixão que o povo brasileiro tinha pelo futebol, essa era a oportunidade da América do Sul voltar a sediar uma Copa do Mundo (BRUM, 2014). Essa situação foi muito atribuída a Getúlio Vargas e sua paixão pelo futebol, que era um grande incentivador do esporte como uma extensão da educação, o que não se passava de um meio de propaganda política, não só no Brasil, mas na Argentina também:

Tanto Vargas como Perón tinham grande preocupação com a formação da identidade nacional em seus respectivos países. E nesse sentido o esporte teria uma importância estratégica, já que atuaria como um mediador entre indivíduos e identidades. Ao se tornar um símbolo pátrio, o esporte associaria todos os cidadãos sob um mesmo signo, sob uma mesma comunidade imaginada (Anderson, 2005). No imaginário de cada cidadão há um sentimento comum de pertencimento à sua comunidade - seja essa seu país, sua cidade ou seu clube -, que advém do compartilhamento de vários símbolos, como idioma, hino nacional, bandeira, e muitos outros, entre os quais podem-

se citar os esportes. Assim, a identificação dos governos com os esportes seria um importante instrumento na construção de uma identificação da nação. E Vargas e Perón não poupariam esforços para associar seus regimes aos esportes nacionais (DRUMOND, 2009, v. 22, n. 44, pp. 399-400).

A Copa do Mundo de 1950 marcou o reinício do futebol entre as seleções. A estreia da Seleção da Inglaterra e o início do banimento da DFB em detrimento dos horrores causados pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, essa foi a primeira vez que a FIFA em comum acordo com as outras federações impediram uma seleção de participar de uma edição de Copa do Mundo, o que foi marcante no sentido político e esportivo pois foi a primeira retaliação sofrida no futebol.

A estreia da seleção inglesa só foi possível em 1950 pela FA finalmente reconhecido e entrado durante o percurso da Segunda Guerra Mundial, essa demora tem respaldo, pois os ingleses enxergavam no futebol uma herança cultural e acreditavam que os avanços, a expansão mundial, e a criação de uma instituição mundial que "controla" o futebol perderia toda a essência inglesa (GIULIANOTTI, 2004).

O uso do futebol como palanque político só se alastrou cada vez mais após o retorno dos campeonatos nacionais na Europa, o retorno da realização da Copa do Mundo e a criação de campeonatos internacionais entre clubes ficou mais evidente essa relação futebol e política. Com a criação da UEFA (União das Associações Europeias de Futebol) e outras confederações, suas competições internacionais se tornaram recorrentes, acontecendo apenas de 4 em 4 anos.

Foi na Copa dos Campeões Europeus (atual *UEFA Champions League*), que o regime franquista espanhol mostrou suas forças políticas no futebol através do *Real Madrid* que empilhou 5 troféus nas cinco primeiras edições do torneio, conquistas estas, que foram atreladas à política que dominava a Espanha desde o início da ditadura de Francisco Franco, assim como Mussolini na Itália e Hitler na Alemanha, viram a oportunidade de promover sua política e consolidar seu governo através do esporte. Ajudou a reconstruir o clube da capital espanhola que passava por crises financeira e institucional após um longo declínio que se iniciou pouco depois do clube ter conquistado o direito de ostentar o símbolo da monarquia espanhola em seu brasão além do título de “*Real*” após a criação da Copa do Rei em homenagem ao Rei Afonso XIII em 1920 (CALLEJA, 2010).

A construção de uma das maiores rivalidades do futebol e o antagonismo entre *Barcelona* e *Real Madrid* vêm à tona também na política que cerca a história do campeonato espanhol onde a rivalidade entre os clubes espanhóis ultrapassa a esfera esportiva, tamanha a ligação dos clubes com as regiões espanholas:

A Ditadura Franquista, regime autoritário que dura entre 1939 e 1975, ajudou a cimentar a maior rivalidade espanhola no âmbito do futebol. O conhecido slogan *mès que un club* do clube barcelonês, nascido no fim da década de 60, demonstra que o time possui um valor simbólico e identitário que transcende o meramente esportivo. Naquele período, ante a proibição de qualquer manifestação cultural por parte das regiões separatistas, que tiveram suas línguas e símbolos proibidos, o Barcelona se torna para a Catalunha um signo de identidade (SILVA, v. 138, n. 46, 2020).

Não era segredo a ligação da alta cúpula da Ditadura Franquista com o *Real Madrid*, então como ato de resistência da torcida catalã (principalmente a torcida culé) era rivalizar com o poder da ditadura por tamanha ligação do clube com o poder espanhol (SILVA, 2020). A construção do maior clássico do futebol perpassou pelas mãos do Franquismo, além disso, não obstante o *Real Madrid* o seu rival *Barcelona* em algumas ocasiões também foi uma arma política durante esse período, com a criação de filmes acerca de um dos jogadores entre eles o húngaro Kubala, cujo a imagem foi bastante ligada ao regime por conta de propagandas e filmes que foram atrelados a imagem dele e a tentativa da RFEF (Real Federação Espanhola de Futebol) de negociação diretamente com a FIFA para repatriação do jogador (SILVA, 2020).

Como qualquer outra ditadura, a ditadura franquista foi dura em aspectos culturais e entre outros aspectos, FOER (2004) retrata que foi durante os anos da ditadura franquista os estádios do *Athletic Bilbao* e da *Real Sociedad* eram os únicos espaços em que o povo basco podia manifestar seu orgulho cultural sem ir para a cadeia ou ser morto. Após os títulos internacionais do *Real Madrid*, Franco presenteava o clube com honrarias, entre essas honrarias a maior condecoração do Estado Franquista, além disso, o clube possuía boas relações com o alto escalão da ditadura, em um dos casos era a amizade do presidente do *Real Madrid*, Santiago Bernabéu com o ministro do exército espanhol Agustín Muñoz (CALLEJA, 2010).

A rivalidade entre *Real Madrid* e *Barcelona* é bastante vista dentro e fora dos campos de futebol até os dias atuais, os acontecimentos atuais nos mostra isso, casos de adiamento de jogos por protesto separatistas catalães em 2019, casos onde o *Real Madrid* se recusou a ceder seu estádio (*Santiago Bernabéu*) para final da Copa do Rei entre *Barcelona* e *Athletic Bilbao* em 2015, e casos onde os jogadores foram afetados pelo ambiente hostil entre os jogadores do *Real Madrid* e os jogadores do *Barcelona* na Seleção Espanhola em 2010.²

² Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/esporte/classico-barcelona-x-real-madrid-e-adiado-por-disturbios-na-catalunha/>>.

Disponível em: < <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/real-madrid-n%C3%A3o-cede-est%C3%A1dio-e-barcelona-vai-decidir-copa-do-rei-no-camp-nou-1.300229> >.

O fato é que não apenas a ditadura Espanhola se beneficiou do alto poder de propaganda futebolístico, no mesmo sentido, período e no contexto da América Latina que também sofria com o período de ditaduras, entre elas as ditaduras do Paraguai em 1954, da Bolívia em 1964, a do Brasil também 1964, a do Chile em 1973, a do Uruguai em 1973, e a da Argentina em 1966 e novamente em 1976 (RIBEIRO, 2020). O clima político que o mundo vivia à época com a Guerra Fria, e com os conflitos internos que os países passavam durante as realizações da Copa de 1970 no México, os anos de chumbo no Brasil que eram caracterizados pela violência e pelos anos mais duros da Ditadura, porém não somente o Brasil passava por esse clima, mas toda a América Latina estava vivendo um clima violento no fim da década de 1960, registrando outras experiências como a evolução no quadro diplomático chegando no futebol (RIBEIRO, 2020).

Desta vez o problema se destaca durante as eliminatórias em 1969 da Copa de 1970 no México, que, por conta da tamanha procura dos países para participar desta e de outras edições, a FIFA adotou o sistema de eliminatórias por continentes e confederações desde a Copa de 1934, a ausência da seleção da África do Sul banida pela FIFA desde 1961 por função do *APARTHEID*, essa não foi a primeira vez que a FIFA agiu e baniu uma federação por conta da política interna exercida dentro de um Estado.

Como dito anteriormente, a América Latina (com enfoque especial na América Central) estava vivendo um clima violento no final da década de 1960 se espalhando por diversos setores da sociedade, assim dito este clima violento chegou no futebol pelos torcedores e jogadores. Tudo ocorria na normalidade do torneio onde em 4 grupos foram divididos em 3 seleções cada, assim o primeiro colocado de cada grupo passava para outras fases. O México já havia garantido vaga na Copa por ser o país sediado, logo o campeão do torneio realizado somente entre os países das Américas do Norte, Central e Caribe seria o outro representante do continente, o que fazia com que distribuição de vagas para as Copas do Mundo não fosse generosa com a CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe) e com outras federações, já que só tinha direito à apenas um lugar, que quase sempre ocupado pelo México (LUCKHURST, 2019).

O problema começou quando Honduras e El Salvador se enfrentaram na semifinal do torneio, assim jogou luz a um grave problema entre os dois países na América Central:

Separados pelo ódio nacionalista, mas unidos pela conveniência de terem economias complementares, os dois países trocavam ameaças mutuas de resolver no campo de batalha as diferenças que os políticos não conseguiam eliminar nas rodas de negociação. O combustível que faltava para acabar com o precário equilíbrio que vigorava nas tensas relações bilaterais foi ateadado em junho de 1969 (CARVALHO, José Eduardo, Geopolítica: 150 anos de futebol. São Paulo: Ed. SESI, 2012, pp. 6).

Os dois países viviam relações políticas instáveis e as tensões entre os dois países já eram enormes, e um confronto militar entre os dois países já parecia bastante possível, uma vez que a situação só piorava, essa relação havia se agravado durante a década de 1960 por uma série de eventos políticos entre os países, já que ambos os países são vizinhos territoriais, e possuem características próximas e geografias pouco diferentes. As tensões começaram quando se notou uma imigração em massa de salvadorenhos em busca de oportunidades em Honduras, já que naquela década a população de El Salvador era superior à de Honduras, o que contrariava as áreas dos dois países, uma vez que a extensão territorial de Honduras era maior que a de El Salvador (COPA, 2020).

A maioria dos salvadorenhos que imigraram para Honduras buscavam oportunidades no trabalho rural, logo, muitos passaram a viver em terras de grandes companhias, o que fez com que estas grandes companhias pressionassem o governo hondurenho e principalmente o presidente de Honduras, o general Oswaldo López Arellano, a criar uma lei que restaurasse a posse das terras e assim em 1967 foi aprovada uma reforma agrária que decretava a ilegalidade das terras dos imigrantes, dessa forma os salvadorenhos ficaram sem como continuar em Honduras, fazendo com que cerca de 300 mil pessoas expulsas voltaram para El Salvador (LUCKHURST, 2019). O governo de El Salvador não estava conseguindo contornar a crise gerada e assim a elite começou a pressionar por uma ação militar, logo os relatos inflamatórios sobre perseguição, estupros e mortes começaram a aparecer (COPA, 2020).

No dia 8 de julho de 1969 ia ao ar o primeiro jogo de um total de 3 jogos para conhecer o finalista, a ida aconteceu em Tegucigalpa, capital de Honduras com o apoio de uma torcida que havia feito panelaço e foguetório em frente à concentração dos adversários na noite anterior. Os donos da casa venceram por 1 a 0, durante o jogo houve brigas e confusões nas arquibancadas, mas ainda era apenas uma pequena demonstração do que viria a seguir (LUCKHURST, 2019).

No 2º jogo realizada em 15 de junho de 1969 em San Salvador, a revanche veio com 3 a 0 para os salvadorenhos que ainda resolveram devolver a hostilidade na mesma moeda

no jogo da volta, em San Salvador, assim o hotel da delegação de Honduras foi apedrejado, com direito a bombas e ratos mortos arremessados no saguão e diante da ameaça de invasão dos torcedores, os atletas precisaram sair às pressas pelos fundos para se refugiar em casas de compatriotas instalados na cidade (CARVALHO, 2012). Por conta do empate de ambas as seleções o regulamento do torneio apontava um terceiro jogo em campo neutro e assim as seleções partiram para o jogo de desempate, realizado em 27 de junho de 1969 o dia ficou marcado pelo esgotamento diplomático e a violência hondurenha e salvadorenha que assolava a Cidade do México:

No dia daquele jogo-desempate, El Salvador cortou as relações diplomáticas com Honduras, afirmando que o vizinho não havia feito nada para impedir “assassinatos, opressão, estupros, pilhagem e a expulsão em massa de salvadorenhos” após a última partida, chamando os acontecimentos de “genocídio”. Os cálculos do governo estimavam que 11.700 de seus cidadãos haviam sido expulsos de Honduras só nos dias que antecediam a partida final. Costa Rica e Guatemala, países que tinham sido cotados para receber o jogo, se recusaram por causa do perigo. Sobrou para o México. Preocupadas com a imagem da Copa do ano seguinte, as autoridades mexicanas mobilizaram 1.700 policiais para cuidar da segurança das 15.326 pessoas que compareceram ao Estádio Asteca para conferir onde aquilo ia dar (COPA, 2020).

Após 300 minutos de futebol, incluindo a prorrogação no último jogo, bastaram 17 dias de reiteradas ameaças e provocações para o início da guerra explodindo no final da tarde de 14 de julho, quando a Força Aérea Salvadorenha atacou o aeroporto de Tegucigalpa e bombardeou outras sete cidades de Honduras. Em resposta, os hondurenhos atacaram instalações da indústria de petróleo em El Salvador, bem como uma base militar no aeroporto de *Ilopango*, o conflito se estendeu até 18 de julho, quando a Organização dos Estados Americanos (OEA) interveio na discórdia e negociou um cessar-fogo de ambas as partes (LUCKHURST, 2019). Houve aproximadamente 5.000 mortos, entre militares e civis, e outros milhares de feridos, e assim como no futebol, o governo de El Salvador cantou vitória na guerra, mas o resultado revelaria que o embate não teve vencedor, mesmo na trégua os dois países não mantiveram relações diplomáticas por cerca de duas décadas após o cessar fogo, interrompendo o comércio e fechando as fronteiras:

Por causa da Guerra do Futebol, Honduras e El Salvador foram impedidos de participar do campeonato continental da Concacaf daquele ano (campeonato esse que foi descontinuado em 1991, dando lugar à Copa Ouro). Nas eliminatórias, entretanto, a seleção salvadorenha batera o Haiti e realizaria o sonho de disputar uma Copa do Mundo em 1970. Sorteada num grupo difícil,

com o anfitrião México, a forte União Soviética e a tradicional Bélgica, foram 3 derrotas, com 9 gols sofridos e nenhum marcado. Honduras e El Salvador só voltaram a disputar uma partida entre eles 10 anos depois, nas eliminatórias da Copa de 1982, mesma época em que foi assinado um tratado de paz (COPA, Copa Além da, 2020)

Embora esse conflito tenha acontecido em meio uma véspera de Copa do Mundo, onde era inédito o sedimento do México, não chamou mais atenção que a consagração do Brasil como ‘o país do futebol’ após a vitória do Brasil sobre a Itália, se consagrando também a primeira equipe a conquistar três títulos na história das Copas (1958, 1962 e 1970) e é válido destacar que o futebol era elemento importante da identidade nacional brasileira foi consolidado pelo tricampeonato do Brasil durante a Copa de 1970, Pelé e Garrincha tiveram um papel fundamental para essa consolidação, o que antes era apenas ratificado apenas como “paixão nacional”, a Seleção Canarinho se tornou símbolo de poder e de identidade nacional (FREITAS,TRIGO, 2019).

Porém por trás de todos os títulos e consagrações que o Brasil obteve durante esse período, a Seleção Brasileira serviu como instrumento de estímulo ao patriotismo para o regime militar, o General Emílio Garrastazu Médici se empenhou bastante para vincular sua imagem e a do regime militar à seleção vitoriosa de 1970 e para isso, fez com que o treinador João Saldanha fosse dispensado da CBD (Confederação Brasileira de Desportos; atual CBF) apenas dois meses antes da realização do Mundial de 1970 por não aceitar a interferência da ditadura na escalação e ideias do técnico (PIRES, 2020). Anteriormente à sua demissão do comando da CBD, João Saldanha deixou claro que estava tendo problemas frente a alta cúpula da ditadura brasileira:

No fim de 1969, o assassinato de Carlos Marighella, um amigo de longa data, despertou de vez a ira do treinador da seleção. Ele montou um dossiê, em que citava mais de 3.000 presos políticos e centenas de mortos e torturados pela ditadura brasileira, e o distribuiu a autoridades internacionais em sua passagem pelo México na ocasião do sorteio dos grupos da Copa, em janeiro de 1970. Desde então, o governo de Médici iniciaria um esforço velado nos bastidores para derrubar João Saldanha do cargo. Em março, o treinador foi questionado por um repórter sobre o pedido do general, que, assim como ele, era gaúcho e gremista, para convocar o atacante Dario, o Dadá Maravilha, do Atlético Mineiro. Saldanha não pestanejou: “Ele [Médici] escala o ministério, eu convoco a seleção”. Duas semanas depois de sua resposta atrevida, foi demitido da seleção e deu lugar a Zagallo, que, em poucos meses, conduziria “as feras do Saldanha” ao tricampeonato mundial (PIRES, Breiller. João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura. EL PAÍS, p. 1, 3 jul. 2017).

Como dito acima, não somente o Brasil vivia no contexto de ditadura militar, mas a maioria dos países (principalmente Sul-Americanos) viviam nesse mesmo contexto e em alguns casos como o do Chile em 1973 havia acabado de se tornar um regime ditatorial e, considerado um dos regimes mais violentos da América Latina, quando se estampou um problema diplomático no futebol. Durante as repescagens que aconteceu entre Chile e URSS nas eliminatórias da Copa de 1974 na Alemanha Ocidental, o primeiro jogo aconteceu em 26 de setembro de 1973 na URSS e terminou em um empate de 1 a 1.

O problema surgiu na segunda partida quando a URSS solicitou que o jogo fosse realizado fora do Chile e alegou questões éticas e morais do país cujo a ditadura de ideologia à direita havia destituído um líder socialista e aliado, a FIFA negou o pedido e a URSS anunciou que não compareceria ao Chile naquelas condições, e a Seleção Chilena avançou para a Copa de 1974 vencendo a URSS por *WO* (RIBEIRO, 2020). Na Argentina decorreu em ambiente semelhante, porém as reações foram diversas, o palco da Copa de 1978 estava sendo acusado de violação dos Direitos Humanos e o país foi alvo de boicote, foi montado o *C.O.B.A. (Comité de Boycott au Mondial de Football en Argentine)* por exilados políticos argentinos na França em colaboração com organizações e partidos de esquerda a fim de protestar contra a violação de direitos humanos cometidos pelos militares da Ditadura Militar Argentina (RIBEIRO, 2020).

2.3 O FUTEBOL E A CRISE DA TORCIDA POLITIZADA

O que seria o futebol sem a torcida apoiando os seus clubes e seleções nacionais? Afinal, o torcedor é a parte importante do futebol, e é pré-existente aos seus componentes, trazendo o sentimento de pertencimento aos indivíduos de uma sociedade, disso constrói laços inimagináveis e integrações com outros indivíduos, podendo se explicar por tamanha magnitude o futebol possui sobre os torcedores:

Argumenta-se que nas sociedades modernas, os indivíduos permaneceriam com demandas de coesão social, pertencimentos comunitários, sociabilidades, enfim permaneceriam com demandas desse tipo de solidariedade. Por consequência: permaneceriam demandas de ritualidade e fé a partir de símbolos transcendentais que exprimissem afetivamente esse pertencimento. Essa função seria preenchida pelo futebol nas sociedades do século XX-XXI (quando não pela própria religião), de forma análoga à religião, que assim promoveria os rituais esportivos, catárticos e estados de êxtase nos estádios de futebol, através da adoração dos clubes e seus jogadores (FERREIRA, Daniel Vinicius. O futebol e as lealdades: simpáticos e românticos. Ludopédio, São Paulo, 2018).

O futebol traz essa sensação, e o êxtase de uma torcida principalmente nos estádios de futebol, que em sua maioria estão sempre lotados e o poder que um estádio de futebol possui a ponto de ser um lugar de expressão das massas sem muitos meios de repressão, traz à tona o problema de comportamento, o limite de até onde vai a pacificidade das pessoas que formam a torcida de um clube, e é aí que nasce os conflitos e a divisão das torcidas.

O fanatismo exagerado, principalmente pelos clubes de futebol começaram a surgir por volta de 1950 nos estádios de clubes londrinos e tinham um comportamento violento, e conforme as décadas se passaram, esse número se tornou expressivo, até seu ápice na década de 1980 (BONSANTI, 2014). Os chamados Hooligans (Inglaterra) protagonizaram confrontos violentos com a política inglesa, com torcidas rivais e até confrontos entre eles por discordâncias internas, e eram extremamente hostis nas arquibancadas e toda semana eram registradas invasões de campo, briga com torcedores rivais e com a polícia (BONSANTI, 2014).

Futebol e violência andam lado a lado desde que alguém começou a chutar uma bola tentando levá-la a uma meta. Na Idade Média, o bisavô da modalidade causava tanto tumulto que Eduardo II, rei da Inglaterra, proibiu sua prática há 700 anos. A paz não veio com os tempos mais modernos. Na década de 1880 se registraram casos de torcedores que intimidavam a vizinhança, árbitros, torcedores adversários e os times. O estádio do Millwall foi fechado três vezes por distúrbios entre as décadas de 1920 e 50. Mas ainda não era um fenômeno tão disseminado a ponto de colocar a sociedade em risco. Isso veio só quando essa sociedade se fragilizou, e abriu espaço para a violência explodir (BONSANTI, Bruno. Como a sociedade inglesa levou ao surgimento dos hooligans no futebol. Trivela, [S. l.], p. 1, 14 abr. 2014).

Muitas tragédias aconteceram durante esse período, BONSANTI (2014) retrata as mudanças políticas, culturais, e econômicas entre os anos de 1950 até 1990 que afetaram o futebol, o modo e o público das torcidas na Inglaterra que se tornou mais elitizado, excluindo operários e trabalhadores que ocupavam as arquibancadas, porém as tragédias ainda ocorreram.

Em 1975 o *Leeds United* acabou sendo banido por 5 anos das competições europeias após o episódio de violência envolvendo os hooligans nas arquibancadas do Estádio *Parc des Princes* e, posteriormente ruas de Paris após a derrota para o *Bayern München*, após isso a sequência de tragédias se tornou frequente, pois dois anos este incidente foi a vez do Manchester United ser banido pelo mesmo motivo, até que o ápice adveio das Tragédia de *Heysel* em 1985 e o Desastre de *Hillsborough* em 1989, e a punição da UEFA para todos os clubes ingleses, além das medidas mais duras do governo inglês (BONSANTI, 2014).

Durante aquele período, não só na Inglaterra, mas como no mundo inteiro, esse tipo de torcida se tornava cada vez mais relevante dentro do cenário futebolístico e político. O que muitas das vezes ganhava voz ativa nos bastidores e tinham o poder de manipular políticos, dirigentes, empresários, tudo e todos que estavam ligados aos clubes de futebol.

Em suma, este capítulo foi revisto como de fato a política se envolveu no cenário futebolístico durante o período autoritário na Europa e o uso do futebol como máquina política só se expandiu durante os anos pós Segunda Guerra Mundial. Tempos depois desencadeou uma série de adversidades dessa mistura entre política e futebol como o caso de El Salvador x Honduras, e a construção da rivalidade *Barcelona x Real Madrid*. Além disso, é descrito em como o racismo, o fascismo, o sexismo, a intolerância e em alguns casos o nacionalismo exacerbado se faz presente no canto das torcidas organizadas, *ultras* e *hooligans*, o mundo inteiro viu o crescimento dessas torcidas atreladas à violência em meio aos anos em que se dava início a globalização que impactou o mundo e trouxe mudanças drásticas ao futebol atual, mudanças essas que serão melhor discutidas no capítulo a seguir.

3. A NOVA ERA FUTEBOLÍSTICA: UM NEGÓCIO MUNDIALIZADO E RENTÁVEL

Neste capítulo será analisado pontos importantes de como a globalização alavancou ainda mais os processos de politização no futebol, e de como a influência desse fenômeno fez com que a incidência da compra, venda e financiamento de jogadores de futebol, clubes, patrocínios e entidades aumentasse consideravelmente rapidamente em pouco anos. A entrada de capital estrangeiro no futebol, jogando luz em uma problemática que possui pouca evidência na mídia esportiva mundial.

3.1. A GLOBALIZAÇÃO FUTEBOLÍSTICA

A história vagamente com um olhar mais específico, constata-se as dimensões do impacto que o fenômeno da globalização trouxe ao mundo, seu conceito envolve-se num grande debate político, entretanto definida por VIOLA; LEIS (2007) pela notável intensificação da interdependência entre os Estados, a globalização possui a integração econômica, social, cultural e política e se tornou um fenômeno destacado durante a década de 1990 e até os dias atuais possui bastante relevância no mundo globalizado.

Mas, o quão grande foram as mudanças no mundo do esporte? A globalização trouxe um maior desenvolvimento para as tecnologias e os meios de comunicação, o que logo diminuiu as separações entre as sociedades e mudou a maneira em que consumimos por conta das revoluções tecnológicas na TV e Internet, logo tudo sofreu alterações históricas, inclusive o esporte:

Nesse novo contexto, os esportes tornam-se alvo das grandes empresas que buscam associar suas marcas e produtos com diversas modalidades esportivas. Os jogos esportivos são transformados em megaeventos, grandes vitrines de exposição de marcas, um negócio mundializado e rentável. Os eventos esportivos passam a significar também oportunidade para bons negócios e lucrativas vendas. Com essa nova lógica, o espetáculo esportivo se beneficia, visto que, ao se diminuir as distâncias, se fortalecem as oportunidades de consumo de diversos esportes (BUENO, Igor; JÚNIOR, Wanderley. 2020, pp. 131).

Além disso, pelo contrário da dimensão global que os esportes passaram durante o século XX relatado no capítulo anterior, a partir da década de 1980 os esportes passaram por uma espécie de expansão mundial, assim como os organismos mundiais que regem os esportes, sejam eles esportes individuais e coletivos. A FIFA e o COI foram os principais a sofrerem mudança com a expansão mundial, mudanças essas, as econômicas e políticas (MÜLLER, 1997).

A aproximação dos esportes com grandes empresas e a expansão mundial fizeram dos esportes um fenômeno socioeconômico de massa, a transformação econômica com a extrema movimentação dos capitais, o que impacta diretamente outros setores esportivos, como a venda de artigos esportivos, ingressos, transmissões, publicidade, patrocínio, imprensa entre outros setores. No futebol essa movimentação de capitais tem relações diretamente com estes setores e na venda de jogadores para outras equipes. A ação de venda e compra de jogadores era raro até 1975, e a globalização trouxe novos capítulos a esse fenômeno que se tornou comum atualmente.

Na história futebolística, a ação de compra e venda de jogadores era algo bastante restrito à apenas alguns clubes de futebol até a década de 1970, a maioria dos jogadores passavam a maior parte de sua carreira em seus clubes de origem, como é o caso do Pelé que jogou na maior parte do tempo no Santos Futebol Clube e somente no final de sua carreira, em 1975 decidiu jogar pelo *New York Cosmos* na tentativa de promoção do futebol nos Estados Unidos (MARTINS, 2019).

3.1.1 O CASO BOSMAN: COMPRA E VENDA DE TALENTOS

Isso mudou durante a década de 1980, quando os clubes europeus que tinham um maior poderio econômico se beneficiavam de talentos estrangeiros, porém, os regulamentos que regiam o futebol em vários países não se atentaram para o novo fenômeno de transferências de jogadores até a temporada 1990-1991, quando o Caso Bosman veio à tona e mudou os rumos do Direito Esportivo e revolucionou o futebol. Jean-Marc Bosman, jogador belga que atuava pelo *RFC Liège* e ao final do contrato processou o clube que defendia, o que obrigou a UEFA e a FIFA a alterar algumas normas (FIGOLS, 2018).

Após sofrer reduções salariais durante as temporadas que ficou no *RFC Liège*, o jogador recebeu uma proposta para jogar no clube francês *USL Dunkerque* porém o *Liège* exigiu um valor para liberar Bosman, e o clube francês não tinha como pagar, diante deste impasse, Bosman decidiu levar o caso para a justiça na tentativa de romper laços com o *RFC Liège*, e após causas ganhas e não ganhas em outras instâncias, o caso foi resolvido somente em 15 de dezembro de 1995 quando o Tribunal de Justiça da União Europeia se baseou no Tratado de Roma, quando a *lex publica* tem entrelaçamento com a *lex* esportiva:

Com base no Tratado de Roma (1957), um acordo pré-União Europeia, que garantia a livre circulação de pessoas, trabalhadores, capitais e serviços, os advogados de Bosman construíram a sua defesa. A linha argumentativa da defesa do jogador defendia que os jogadores de futebol deveriam ser enquadrados como um trabalhador como outro qualquer e que, portanto, estavam livres para trabalhar e circular nos países membros da UE (FIGOLS, Victor de Leonardo. Jean-Marc Bosman: o jogador que revolucionou o futebol. Ludopédio, São Paulo, 2018).

O caso Bosman repercutiu em todas as confederações e na FIFA, o que fez a UEFA recorrer da decisão pois receava de outros jogadores decidirem algo como Bosman e criar uma disparidade entre os clubes mais poderosos e os clubes menos favorecidos, logo a corte determinou que a UEFA e as demais confederações juntamente com a FIFA reformulasse a política de transferências tanto na Europa, quanto ao redor do mundo:

A resolução do Tribunal da UE estabeleceu pelo menos dois procedimentos que deveriam ser adotados pelos clubes europeus: 1) o jogador não poderia ficar preso a um clube, e a cobrança pela sua transferência (após o seu contrato ter expirado) se tornava uma prática ilegal; 2) estabeleceu uma nova regra de restrição a jogadores estrangeiros, desde que a nacionalidade do jogador fosse de um país membro da UE, ele não seria considerado estrangeiros dentro de um país membro da comunidade (FIGOLS, Victor de Leonardo. Jean-Marc Bosman: o jogador que revolucionou o futebol. Ludopédio, São Paulo, 2018).

Assim, essa ação revolucionou o futebol e deu novos rumos para a globalização e mercantilização esportiva, alguns anos depois as transferências de jogadores eram um fenômeno de sucesso entre os clubes europeus, o que logo elevou os jogos de futebol ao extremo, e os clubes faturavam muito, e às vezes alcançavam a glória de conquistar títulos de extrema relevância como uma *UEFA Champions League* ou conquistar um título de campeonato nacional. Neste contexto a Europa passou a ser destino de jogadores estrangeiros, e reafirmou aquilo que era característica do Brasil em 1970, a “Pátria de Chuteiras³” tamanha desenvoltura e talento que os jogadores brasileiros mostravam dentro e fora do Brasil, o final da década de 1990 marcava o início do triunfo de talentos brasileiros e estrangeiros irem brilhar em clubes europeus.

3.2 O CLÁSSICO ESTRELA VERMELHA E DINAMO ZAGREB: O NACIONALISMO NO FUTEBOL

Neste cenário, FOER, 2004 perpassa por vários países analisando os impactos significativos e expondo as formas de como o processo de globalização influenciou o futebol. Foer expõe problemas enraizados nas culturas mundiais, expondo a violência dos *hooligans* ingleses, o ódio entre torcidas na antiga Iugoslávia, e a corrupção que persiste dos dirigentes brasileiros. De acordo com Foer, pelo contrário do senso comum, a globalização não colaborou para a perda das raízes culturais do futebol regional, para as disputas étnicas entre torcedores e sequer para diminuição da corrupção de dirigentes locais e que fato a globalização havia aumentado o poder das entidades controladoras do futebol, o que nem sempre é no bom sentido.

³ “A Pátria de Chuteiras”, coletânea de crônicas escritas por Nelson Rodrigues entre os anos 1950 e 1970.

Porém, foi nos anos finais da década de 1980 e na primeira metade da década de 1990 que ficaram marcadas pela instabilidade política e a série de guerras separatistas no Leste Europeu, mais especificamente na Iugoslávia, período bem retratado por Foer. Se por um lado os clubes e seleções da Europa ocidental garantiam o seu sucesso, na Europa oriental o assunto era bem diferente, principalmente em territórios da Iugoslávia, cujos clubes não tinham muita visibilidade da mídia internacional.

O clima político não era um dos melhores nos anos pós morte do presidente iugoslavo Josip Broz Tito em 1980 que quando anunciada comoveu o estádio inteiro tamanha importância de Tito. Se abriram discussões e movimentos separatistas começaram a ser relevantes o que logo se tornaram inflamáveis tanto em âmbito político quanto em âmbito esportivo (STEIN, 2020). As torcidas ultras dos clubes do Leste Europeu levavam a fama de serem os mais violentos, principalmente os torcedores ultras do *Dinamo de Zagreb* e do *Estrela Vermelha*, que levavam todas as diferenças políticas entre Sérvios e Croatas para dentro dos estádios de futebol (FOER, 2004).

Um fator relevante nesse cenário todo é o Nacionalismo, por vezes, no contexto futebolístico é demasiado utilizado por torcidas para aflorar sentimentos comuns a toda torcida, o que é saudável. Quando esse sentimento se extrapola e tem cunho político, advém então, o Ultranacionalismo que é a definição a ser utilizada no contexto geral deste trabalho. O nacionalismo era muito presente (ainda é) em cantos de torcidas ultras, como dito anteriormente, o meio de expressar todo esse amor nacional exacerbado, sua identidade nacional, sua forma de protesto independentista e demonstrar sentimentos por uma classe social, política é nos estádios de futebol onde, estando cercado por outros indivíduos que partilham do mesmo sentimento, dificulta a identificação e tomada de possíveis ações por parte das autoridades para conter esses grupos.

Foi assim que os torcedores ultras *Delije* do clube sérvio, e os *Bad Blue Boys* dos croatas, não se suportavam, o sentimento nacionalista pró Iugoslava que unia todos do *Delije* e os protestos separatistas contra a permanência, as relações ficaram intensas quando o clube *Estrela Vermelha* que já tinha uma torcida sentimental e um torcedor ultra tão perigoso quanto, por sua formação ter advindo da Polícia Secreta Sérvia, o nacionalismo sérvio ficou mais evidente após a chegada de Slobodan Milosevic ao poder (FOER, 2004).

Fato é que naquela altura, a situação já estava inflamada ao ponto de qualquer momento ter um conflito violento entre os países, e em uma partida válida pelo Campeonato Iugoslavo no final da temporada de 1990, marcado por ser o último campeonato antes da independência da Croácia, Eslovênia e Bósnia e Herzegovina, foi cruzado os dois clubes que protagonizaram na Iugoslávia, o clássico *Estrela Vermelha* e *Dinamo Zagreb*:

Esportivamente, aquele clássico não significava muita coisa. O Estrela Vermelha já tinha confirmado o título no Campeonato Iugoslavo e encerraria sua campanha com 19 pontos de vantagem sobre o Dínamo Zagreb, o vice-campeão. Os sérvios contavam com uma verdadeira seleção dentro de seu elenco – que incluía diferentes etnias, bem como lendas do porte de Dragan Stojkovic, Robert Prosinecki, Darko Pancev, Dejan Savicevic e Miodrag Belodedici. Ali, já estava praticamente formada a base que conquistaria a Champions na temporada seguinte. Por mais que o Dínamo possuísse os seus predicados, num elenco no qual Davor Suker despontava como artilheiro, a vitória no duelo não valia mais do que a honra. Mas, naquele momento histórico, a honra nacionalista representava bastante aos dois lados em Zagreb (STEIN, Leandro, 2020).

Os problemas com as torcidas se iniciaram nas ruas de Zagreb durante o pré-jogo no entorno do Estádio *Maksimir*, foram registrados confrontos e cantos nacionalistas sérvios que eram respondidos com canções croatas dentro e fora do estádio durante o aquecimento das equipes, não era nada pacífico transformando o estádio em um verdadeiro caldeirão político. A situação piorou quando a torcida ultra do *Estrela Vermelha* rompeu a divisória que separava as duas torcidas rivais para agredir a torcida rival, e logo depois invadiram o campo onde estavam os jogadores. A segurança era composta em sua maioria por policiais sérvios ligados ao governo central, fazendo com que gerasse uma certa dúvida acerca da segurança dos torcedores croatas, o que logo se confirmou:

Os relatos são de que as forças de segurança permaneceram de braços cruzados quando a Delije iniciou seu ataque aos torcedores croatas. Contudo, no momento em que os Bad Blue Boys partiram para cima, os policiais começaram a agir: em vez de conterem a briga, reprimiram os ultras do Dínamo. O cenário de guerra estava montado no Maksimir. Ambos os lados atiravam pedras, cadeiras e o que mais vissem pela frente. Os Bad Blues Boys eram alvos de bombas de gás lacrimogêneo no gramado (STEIN, Leandro, 2020).

O caos se instaurou no estádio, e os jogadores em campo tentaram correr para se protegerem nos vestiários, a equipe do *Dínamo de Zagreb* permaneceram em campo indignados

com a situação imposta aos seus torcedores e foi nesse momento que o jogador da cidade de Zagreb, Zvonimir Boban entrou para a história do confronto, Boban de 21 anos partiu para cima dos policiais que agrediam sua torcida, após ter sido xingado, espancado e presenciando atrocidades dos policiais para com os torcedores de Zagreb. Boban quebrou o nariz de um dos policiais, após o icônico ato o jovem jogador se firmou como um ídolo da causa croata e do clube (STEIN, 2015)⁴.

Algumas horas depois o ambiente já estava controlado após a segurança ter se reforçado, o saldo negativo de 100 torcedores ultras presos, 117 policiais feridos e posteriormente o governo croata foi acusado pelos sérvios de terem facilitado o confronto entre as torcidas, o que rendeu novos capítulos nesta relação entre governo e torcedores ultras. A temporada 1990-1991 foi extremamente conturbada e o número de brigas entre as torcidas *ultras* e invasões só aumentou e, em um último clássico entre *Estrela Vermelha* e *Dinamo de Zagreb* pelo campeonato iugoslavo o clima hostil do estádio marcou o jogo, porém, não houve registros de confrontos entre ultras durante a partida (NARCIZO, 2021).

No dia após o jogo, os croatas realizaram um referendo pela independência do país, aquela foi a última edição em que clubes croatas e eslovenos participaram do Campeonato Iugoslavo. Uma semana depois, o *Estrela Vermelha* atingiu a glória europeia histórica quando ganhou nos pênaltis do *Olympique de Marselha*, ganhando sua primeira e solitária Copa dos Campeões (atual *Champions League*) de maneira invicta incrível (UEFA, 2014).

Semanas depois do título inédito, a Iugoslávia entrou em um processo de desintegração após a Croácia ter declarado independência em um ato que resultou na guerra civil, o período e o número de países envolvidos se estendeu e se tornou uma das guerras mais violentas da história, Guerras da Croácia e da Eslovênia (1991-95), Guerra da Bósnia (1992-95) e a Guerra do Kosovo (1998-99). Os clubes sofreram, mas não pararam de competir o Campeonato Iugoslavo com as guerras que se passaram naquele período e a seleção Iugoslava perdeu sua vaga na Eurocopa de 1992 e foi logo descaracterizada, onde jogadores foram jogar pelas seleções croata, eslovena e bósnia (FOER, 2004).

Fato é que não somente essas representações nacionalistas e outros tipos de extremos não ficam restritos às torcidas ultras do Leste Europeu, há registros em outras localidades do mundo e é na Europa onde elas têm mais força esportiva e política, a presença de *ultras* nacionalistas em um dos campeonatos mais tradicionais da Europa já é algo

⁴ “Aqui estou eu, com a face em público para arriscar minha vida, minha carreira e tudo que a fama pode dar. Tudo por conta de um ideal. De uma causa, a causa croata” Borban declarou alguns dias após a icônica voadora no policial que ironicamente era um bósnio muçulmano (Stein, 2015).

normalizado, como é o caso os clubes italianos que sempre roubam a cena por episódios que são recorrentes até os dias de hoje. Torcedores *ultras* ou não, se posicionam ativamente com cantos que vão muito além de nacionalista, cantos racistas, sexistas e xenófobos ecoam nos estádios italianos, como é o caso da torcida da *Lazio* entre outras torcidas italianas⁵:

Infelizmente, nem só de reivindicação e lutas por direitos o esporte contemporâneo vive, há outros casos vistos com certa frequência, são as manifestações reacionárias preconceituosas e muitas vezes violentas de torcidas organizadas de alguns clubes europeus com posicionamento político de extrema-direita. Um retrato bem recorrente sobre essa questão é a torcida organizada da Lazio, clube de sede na capital italiana, que está envolvida em vários episódios de cantos racistas e de apologia ao fascismo (FARIAS, Gabriel Assis. Os usos políticos do esporte: a instrumentalização esportiva no decorrer da história. Ludopédio, São Paulo, v. 134, n. 60, 2020).

E em outros casos, protestos separatistas são notados, como é o caso acima da torcida do *Dínamo de Zagreb*, e dos clubes espanhóis da região da Catalunha, que não apenas os torcedores, mas personalidades, técnicos, jogadores e torcedores se unem pela independência da região catalã:

Nesta ocasião, algumas personalidades futebolísticas manifestaram posturas distintas politicamente. Se por um lado, o treinador Josep Guardiola (atualmente no Manchester City, da Inglaterra) manifestou explicitamente seu desejo por uma Catalunha independente, por outro, o famoso zagueiro multicampeão do clube, Gerard Piqué, adota uma postura cautelosa ao lidar com esta questão, que pode ser explicada pelo fato de que o atleta não queira comprometer a sua carreira como jogador, receando possíveis punições no âmbito esportivo (OLIVEIRA, Jonathan Rocha de; CAPRARO, André Mendes, 2020).

Dentre outros protestos, como no caso da Seleção da Argentina com um sentimento revanchista pela Guerra das Malvinas com a Inglaterra durante a Copa do México em 1986. A seleção Argentina posou para foto com o icônico cartaz com "*Las Malvinas son Argentinas*" poucos dias antes do jogo válido pelas quartas de finais contra a Inglaterra, e com o famoso gol "Mão de Deus" de Maradona, a seleção Argentina avançou com contestação dos Ingleses.

⁵ De acordo com o jornal inglês The Guardian, existem na Itália 382 torcidas organizadas, sendo que cerca de 40 são de extrema direita, o que totaliza 8 mil membros. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/01/inside-talys-ultras-the-dangerous-fans-who-control-the-game>

3.3 O FUTEBOL E A DIPLOMACIA ESPORTIVA

A mercantilização de jogadores e expansão econômica, política e social dos clubes de futebol representaram uma mudança extraordinária no futebol atual, e neste cenário, diversos clubes se transformaram em empresas, clubes vendidos para magnatas estrangeiros e faturaram rapidamente economicamente e tomaram o topo da Europa.

Em 2003 isso era quase uma novidade no mundo do futebol se não fosse a venda do clube Ucrâniano *Shakhtar Donetsk* para o bilionário também Ucrâniano Rinat Akhmetov em 1996. Porém, foi em 2003 que essa prática tomou conta nos principais campeonatos da Europa quando o magnata russo do ramo petrolífero Roman Abramovich comprou o clube inglês londrino *Chelsea Football Club* e transformou o clube que vinha de crises financeiras desde o início da década de 1980, o que inaugurou um novo capítulo na evolução futebolística, pois os resultados obtidos pela compra do clube que foram imediatos e o sucesso estrondoso após investimentos, logo faturando o bicampeonato inglês a *Premier League* em 2004/05 e 2005/06 e a primeira *Champions League* do clube em 2011/12 (SANTOS, 2020). Essa aquisição mudou novamente os rumos do futebol, Abramovich se tornou um dos pioneiros da nova “indústria do futebol”.

A nova indústria do futebol adveio após a entrada desenfreada do capitalismo através da introdução descontrolada de dinheiro estrangeiro das investidas de grandes empresas estrangeiras após notarem o alto poder financeiro que resultam principalmente do futebol europeu a partir dos anos finais da década de 1990. A entrada de bilionários e empresas estrangeiras como donos de clubes colocaram em “cheque” a tradição secular retratada no primeiro capítulo deste estudo, que retratou o futebol como esporte e paixão, o que fez o futebol se tornar um dos esportes mais capitalista do mundo.

Assim, a FIFA e suas confederações continentais passaram a lucrar mais após a entrada de todo o capital financeiro através da realização de Copas do Mundo, evento mais visto do mundo. O lucro da FIFA ocorre com a venda de direitos de transmissão, com patrocinadores, com a hospitalidade (espaços exclusivos, camarotes, ingressos etc.), e licenciamentos (produtos relacionados à eventos FIFA feitos por empresas terceirizadas) em casos de eventos como a Copa do Mundo e as Eliminatórias (GONÇALVES, 2018). O mesmo vale para as confederações que organizam torneios entre clubes e entre seleções como por exemplo, o caso da UEFA que compreende torneios e campeonatos masculinos e femininos. Dentre os mais famosos torneios tem-se a *UEFA Champions League* e a *Europa League* torneios clubes e a *UEFA Eurocopa* e a *UEFA Nations League* entre seleções.

Todas as confederações são responsáveis por competições realizadas em seu devido continente, e desde 2000 a FIFA realiza a Copa do Mundo de Clubes, reunindo os clubes campeões das seis confederações continentais além do vencedor do campeonato nacional do país organizador como representante do país-sede em um torneio realizado em um país anfitrião previamente escolhido pela FIFA. Enquanto as confederações lucram por conta das competições (logo, os clubes e seleções lucram por jogar em competições), grande parte dos lucros da FIFA decorre da realização da Copa do Mundo.⁶

A movimentação de capitais bate recorde a cada temporada que se passa, e a transferências de jogadores movimentou cerca de US \$7 bilhões em 2019, um fenômeno que de certa forma beneficia os clubes mais ricos e as confederações, empresários que lucram com as transferências.

Vale destacar os impactos são massivos no esporte de maneira geral, e o fato de que o esporte é um elemento importante nesse processo de globalização da cultura, podendo ser aproveitado por muitos governos como um meio de Política Externa como foi discutido ao longo do segundo capítulo deste estudo, e de *Soft Power* para muitos países que buscam uma imagem “limpa” no sistema internacional e até buscam influenciar outros países. Nas relações internacionais, o esporte tem cada vez conquistado um espaço interessante, o que logo faz com que o esporte seja considerado um agente positivo de integração na governança global.

Na história, o futebol sempre foi autônomo, e os processos de transformação econômica foram relevantes para ser um espetáculo como é atualmente com o sistema midiático na era da informação, com isso o poder constitui em partes que podem ser explicadas por controle e manipulação, o que faz do esporte uma máquina de poder que não podem ser ignorados pelos Estados. Nesse sentido, é aberto discussões sobre a geopolítica esportiva pois está no centro de rivalidade e disputas internacionais, servindo tanto como um mecanismo de cooperação quanto de embaraçamento diplomático (PIZARRO, 2018).

Como dito ao longo deste estudo, a FIFA e o COI são as maiores entidades esportivas do mundo e possuem uma relação conflituosa entre si desde o século passado, ambas, de um ponto de vista jurídico, associações de direito privado sem fins lucrativos, ambas, são sediadas na Suíça, ambas possuem o mesmo poder persuasivo, ambas reconhecem mais países quanto a ONU (Organização das Nações Unidas), no caso da entidade que controla o futebol:

⁶ Estampando várias capas de jornais mundo afora, a FIFA bateu o recorde de lucro de R\$ 16 bilhões com a Copa do Mundo em 2014 no Brasil:
<https://veja.abril.com.br/esporte/fifa-tem-lucro-recorde-com-copa-no-brasil-r-16-bilhoes/>

Com 210 federações afiliadas, o órgão máximo do futebol mundial é chamado de “ONU do futebol” (FIFA, 2013). Somente entre 1975 e 2002, mais de 60 federações foram admitidas como membros. A FIFA oferece ajuda financeira e apoio logístico às federações por meio de diversos programas, garantindo-lhes assim vários direitos e privilégios consideráveis. Por outro lado, também há várias obrigações. Como representantes da FIFA nos seus países, elas precisam respeitar os estatutos, os objetivos e os ideais da organização que rege o futebol mundial. Além disso, devem promover e administrar o esporte de acordo com esses princípios (OLIVEIRA PIZARRO, Juliano. pp. 206, 2018).

Em 1998 a FIFA iniciou um processo fortalecimento da hegemonia no espaço esportivo, hegemonia esta, que havia sido ofuscada com os processos de globalização que estavam acontecendo no futebol mundial, buscando elementos que permitissem um maior envolvimento do futebol e da própria FIFA com questões sociais (PIZARRO, 2018). A FIFA já compreendia a relevância que tinha no futebol e no cenário internacional, relevância que faz da FIFA um importante ator no sistema internacional em meio à governança global.

O conceito de governança global traz a ideia de que o Estado não é o único ator no cenário internacional. As organizações, regimes e instituições internacionais multilaterais e atores privados surgiram com força, fazendo com que ocorra o que Rosenau (2000, p.13) chama de um deslocamento contínuo e uma rearticulação dos centros de autoridade. Esse é um fenômeno complexo, o qual implica fragmentação, desagregação, inovação, e, sobretudo, em uma realocação de autoridade, suscitando um questionamento crítico sobre a orientação de ações espontâneas sob o emblema da cooperação. A partir de então, surge o cenário da governança global. Diferenciam os teóricos que a consideram um fenômeno empiricamente observável, daqueles que a subscrevem como um programa político, de sorte que os estudos sobre governança global costumam sobrepor ordens analíticas e normativas (ROSENAU, 2000, p. 21-22). O conceito de poder nesse âmbito também não é consensual. Porém, a conceituação mais aceita é de que o poder é a habilidade de obter os resultados desejados e, diretamente, a habilidade de influenciar os outros para obtê-los (NYE, 2004, p. 1-2), podendo ser por meio de coerção, indução e cooptação (PIZARRO, Juliano Oliveira. pp. 3, 2015).

NYE (2004) traçou os meios de poder de um ator no cenário internacional, podendo haver o *Hard Power* (poder coerção), o *Soft Power* (poder brando) e o *Smart Power* (poder inteligente) e cada categoria de poder possui sua definição:

O chamado hard power tem suas bases em ameaças e trocas, principalmente sob o ponto de vista econômico e militar, enquanto o soft power consiste em moldar as preferências dos outros. Para Nye (2004, p. 6), o soft power não é

somente influenciar e persuadir (sendo que ambos também ocorrem através do hard power), mas é também atrair, e a atração leva muitas vezes à aquiescência. Assim, entra em cena o soft power e os meios de exploração da cultura, esporte e imagem como ferramentas persuasivas e facilitadoras nas interações do sistema internacional (KENNEDY, 2005). Outro termo importante que tem sido utilizado na literatura das Relações Internacionais, definido por Joseph Nye (2006) como a capacidade de combinar hard e soft power, consiste no chamado smart power (PIZARRO, Juliano Oliveira. FIFA E GOVERNANÇA GLOBAL: ATUAÇÃO A PARTIR DA ANÁLISE DO SOFT POWER (1990-2015). 2015. pp. 3. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015).

Não somente o futebol, mas os esportes de forma geral são fontes para o *Soft Power*, criando um ambiente mais propício para a troca cultural entre os países, e os megaeventos esportivos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos são práticas assertivas que, quando realizadas são sinônimos de sucesso e atraindo a atenção de milhões de pessoas no mundo inteiro. Logo, são uma plataforma de exibição de imagem, e propagandista do país que sedia, prática bastante utilizada ao longo da história exibida neste estudo, FIFA aproveita deste artifício para legitimar o seu poder e suas confederações continentais (PIZARRO, 2015).

A incorporação de discursos cosmopolitas sempre foi adotado por diversos atores do cenário internacional, e a FIFA não ficou atrás aderindo vários desses ideais no início da década de 2000, a promoção dos direitos humanos, contra o preconceito, racismo, xenofobia e a promoção da paz por meio do futebol, o que é explícito no Estatuto da FIFA que além do domínio do futebol mundial, a organização se preocupa com o desenvolvimento do esporte, a construção de um futuro melhor e a promoção de valores como a educação, cultura, humanitarismo, e a cooperação por meio dos programas de desenvolvimento, mas ao mesmo tempo se preocupa com sua hegemonia, impedindo violações dos Estatutos, regulamentos, das leis do futebol, e das decisões da própria FIFA (PIZARRO, 2015).

A FIFA possui apreço pela responsabilidade social desde 2000 prezando pelo Pacto Global, sendo necessária para a aproximação e relação da organização com os países, também incorpora pautas contra discriminação em seus discursos na tentativa de garantir boas relações entre os atores envolvidos no futebol, e as pautas mais rígidas como as que visam à todos respeitarem e adequarem aos princípios FIFA, aos regulamentos e ao fair play (PIZARRO, 2018). A FIFA também possui relações com outros atores como organizações internacionais e não governamentais, o que caracteriza um interessante papel tanto na governança global quanto no Soft Power, a FIFA e a ONU possuem uma parceria em projetos sociais:

Muitos embaixadores da ONU são pessoas relacionadas ao futebol, além de existir programas da ONU, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2014), que em parceria com a Copa do Mundo FIFA, buscam proteger crianças de violência e abusos, além de dar assistência social aos menores. Mas os elementos do discurso da FIFA de seu objetivo de responsabilidade social ficam claros nos programas da entidade. Os principais deles, alguns em parceria com a ONU e ONGs, são: *Fair Play*; *Say no to Racism*; *Handshake for Peace*; *Football for Hope*; *Football for the Planet*; *Together, we can beat Ebola* (PIZARRO, Juliano Oliveira. pp.11 ,2015).

Outros elementos de *Soft Power* também são notados nas ações da FIFA:

a) A FIFA possui um site oficial em 5 idiomas (alemão, árabe, espanhol, francês e inglês) além do idioma do país-sede da próxima Copa do Mundo, o que faz com que os Estados sejam atraídos pela boa imagem e confiança da FIFA;

b) Age de forma “neutra” o que valida essa boa imagem da FIFA, como por exemplo o afastamento da África do Sul das competições internacionais por 32 anos (1961-1992) durante o Apartheid (atualmente essa ação é reprovada por muitos historiadores);

c) O discurso de paz sempre é promovido em Copas do Mundo, e um exemplo disso é a Copa do Mundo de 1998:

Durante a partida válida pela primeira fase entre Irã e EUA, ambos com relações diplomáticas estremecidas por conta da guerra e do clima político que assolou o Irã em 1980 em que os EUA apoiavam o Iraque após a Revolução Islâmica, guerra esta que a repressão no esporte foi rígida resultando na execução do capitão da seleção iraniana, o jogador Habib Khair em 1983 (DIAS, 2021). Em 21 de junho de 1998, a tensão tomou de conta de Lyon, a cidade que abrigou o jogo, havia o temor de que o jogo fosse usado como uma plataforma política por ambas as seleções e o governo iraniano contava com a recusa dos jogadores de sua seleção à apertar as mãos dos jogadores estadunidenses, porém o improvável aconteceu: a trégua esportiva.

Os asiáticos entraram com flores na mão e entregaram para os americanos, que aceitaram. A foto oficial dessa partida histórica foi a união dos jogadores persas com os ianques, juntos. Reflexo inverso do que acontece até hoje entre as nações. A confraternização vista antes do espetáculo foi a maior prova de que o esporte tem o poder de apaziguar relações tão problemáticas na diplomacia. Nas arquibancadas as duas torcidas estavam assistindo juntas, em alguns casos até houve troca de bandeiras. A solidariedade venceu a tensão, no Stade de Gerland (DIAS, Pedro Henrique Andrade. 2021).

A atitude das seleções foi algo inédito em um evento oficial de tamanha magnitude como uma Copa do Mundo, atitude esta que chegou a ser indicada ao Prêmio Nobel da Paz,

porém o simbolismo da partida não foi seguido pelos Estados, a FIFA tem essa partida como algo marcante na história do futebol sendo lembrada em todas as edições de Copa do Mundo (PIZARRO, 2018).

O processo de fortalecimento da hegemonia elevou ainda mais os padrões da FIFA e das suas confederações, o que logo elevou o futebol mundial, enquanto questões políticas e diferenças diplomáticas dos Estados ficaram em segundo plano, o uso do futebol como *Soft Power* por parte dos Estados aumentou, e o aumento estrondoso da entrada de capital financeiro nos clubes e seleções viraram foco.

Durante a pré temporada dos clubes europeus em 2006 acontecia o primeiro impacto desse fenômeno, quando a dupla de jogadores israelenses Yossi Benayoun e Yaniv Katan do clube inglês *West Ham United* foram vetados de acompanharem suas equipes em uma viagem de acampamento para Dubai por conta dos conflitos que assolava Israel e o EAU (Emirados Árabes Unidos), o que foi muito criticado pelos torcedores na época, Dubai era, e ainda é destino popular para acampamentos de clubes de futebol pois em muitos casos as viagens são patrocinadas por empresários locais que esperam um retorno positivo seja ele no esporte e na economia do Estado (THEGUARDIAN, 2006). Este caso é apenas uma ponta do iceberg do que a evolução do futebol e as questões geopolíticas dos Estados acarretaram após 2010.

3.4. O FUTEBOL E A GEOPOLÍTICA NA COPA DO MUNDO DE 2010: SUCESSO DO CASO SUL AFRICANO

A evolução futebolística chegava a um novo nível, o aumento de “novos donos” de clubes europeus e a entrada de capital já era inevitável, o que fez do futebol um espaço constante de investimentos, compras e construções milionárias, maximizando os lucros do futebol o que a essa altura se tornou algo normal do decorrer do esporte em geral, o que muitas das vezes traz a sensação de que a verdadeira tradição e essência dos clubes e seleções foram perdidas ao longo da história.

Em 2010, compras milionárias, remodelagens de clubes feitas por grandes empresas estrangeiras já eram normais. Empresas como a *Red Bull* fazem investimentos notáveis no futebol em vários campeonatos e clubes, assim como o clube alemão *RB Leipzig*. Outro fato importante a ser comentado é a entrada de capital proveniente de governos do Oriente Médio no futebol europeu que será melhor discutido mais adiante.

A 19ª edição da Copa do Mundo estava sendo bastante esperada pela África do Sul que havia sido escolhida como sede desde 2004, o que automaticamente fez com que o Estado

se preparasse para receber um dos maiores eventos do mundo, porém meses antes do início da Copa do Mundo aconteceu um atentado terrorista com a Seleção do Togo o que logo despertou preocupações internacional com a segurança do evento que estava para acontecer em poucos meses. No dia 8 de janeiro de 2010 a equipe viajava para participar do início do Campeonato Africano das Nações que teve como anfitrião a Angola, quando na fronteira entre o Congo e Angola o ônibus da delegação togoleza foi alvejado por tiros de metralhadoras por aproximadamente 30 minutos, causando a morte imediata do motorista e de outras duas pessoas que faziam parte da equipe técnica da seleção, além dos 8 feridos.

O grupo separatista angolano Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) reivindicou a responsabilidade pelo ataque, o que logo levou a opinião pública a questionar a viabilidade de realizar uma Copa do Mundo em poucos meses na África do Sul e a realização do Campeonato que aconteceria cerca de 3 dias após o ocorrido, porém a FIFA e a CAF persistiram em realizar o evento, o que causou revolta no governo do Togo e de inúmeros futebolistas⁷. A seleção e o governo do Togo ameaçaram um boicote à competição, o que logo foi rebatido pela organização do campeonato e pela CAF que anunciaram a suspensão do Togo das competições entre seleções por 2 anos (CARRASCO; HENRIQUES; FONTES, 2010). Poucos meses após o atentado, a Copa do Mundo de 2010 estava indo ao ar sob ameaças terroristas, porém não confirmadas ao longo do evento, que durou 1 mês e teve a Espanha debutando com o título de vencedora da Copa do Mundo.

Após anos na tentativa de voltar a competir e ser o primeiro Estado africano a sediar uma Copa do Mundo, o governo pós Apartheid e os dirigentes esportivos usaram não só do futebol, mas dos esportes em gerais, da diplomacia cultural e da política externa que se baseava na visão de uma África melhor para reconquistar o poder de competir e conquistar as credenciais para ser palco de um dos maiores eventos esportivos do mundo.

Por muito tempo a África do Sul teve um cenário muito aberto para o futebol durante a luta da liberdade nacional, o golpe duro adveio após a suspensão da seleção das competições internacionais em 1961 o qual se manteve até 1992, este cenário ficou pior em 1970 quando o COI expulsou a África do Sul do Movimento Olímpico. O primeiro-ministro sul-africano da época empenhou-se e anunciou uma nova política esportiva “multinacional”:

⁷ "Esperamos que o futebol seja mais forte que qualquer atentado", declarou o presidente da Fifa, Joseph Blatter, à emissora alemã de televisão ZDF. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/atentado-contra-sele%C3%A7%C3%A3o-de-togo-p%C3%B5e-em-quest%C3%A3o-seguran%C3%A7a-da-copa-na-%C3%A1frica-do-sul/a-5107357>

A África do Sul era o país onde o esporte tinha mais conotações políticas e propagandísticas. Toda a estrutura esportiva, assim como a educacional, estava repleta de justificativas contraditórias e insinuações alimentadas pelo cotidiano da segregação racial. E o esporte estava de fato emaranhado na urdidura meio tortuosa da situação política do país. O esporte refletia, por exemplo, o significado político e social da linguagem utilizada na África do Sul, com conotação inteiramente diferente da que prevalecia no mundo. Em todos os outros países, o adjetivo “multinacional” aplica-se a eventos como os Jogos Olímpicos, Campeonatos Europeus ou Copa do Mundo de Futebol, que são encontros internacionais e envolvem necessariamente equipes de diferentes nações. Na África do Sul, uma competição multinacional era um evento que reunia somente sul-africanos, definidos como grupos étnicos ou raciais, segundo a classificação racista da então Lei de Registro da População. Dessa maneira, um evento “multinacional” na África do Sul podia consistir meramente no confronto de equipes ou jogadores sul-africanos brancos, sul-africanos africanos, sul-africanos mestiços ou sul-africanos indianos (VASCONCELLOS, 2008, p.109).

Como resultado dessa política esportiva multinacional foram os Jogos Sul-Africanos de 1973, um evento poliesportivo e politizado restrito da África do Sul durante o Apartheid, em resposta a a exclusão dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo. Esses jogos incluíram a Alemanha Ocidental, a Grã-Bretanha, a Irlanda, os Países Baixos, a Bélgica, a Áustria e a Rodésia (atual Zimbábue), jogos cujo provocaram a reação que o regime esperava e alguns dirigentes esportivos do Ocidente elogiaram o regime e foi visto como "progresso". Ao final da década de 1980 começaram as mudanças políticas e esportivas, mudanças estas que foram os resultados de um longo esforço dos movimentos de libertação. A Copa de 2010 foi uma ferramenta cultural e de diplomacia que marcou apenas o início da liberdade, e a representação da luta internacional contra o racismo foi evidente no cartaz oficial do Mundial de 2010 (NDLOVU, 2010).

Alguns problemas começaram a estampar em torno da FIFA e das confederações continentais após a Copa de 2010, a FIFA e a CAF chegaram a ser bastante criticada pelas atitudes tomadas na situação da Seleção do Togo, porém ainda em 2010 a FIFA adotou uma série de medidas punitivas à várias federações, o que só reafirmou o poder político da FIFA e desagradou muitas federações. Em outubro de 2010 a FIFA e a UEFA interferiram no sistema de gestão da Federação Bósnia de futebol o que fez com que os três órgãos esportivos colidissem politicamente, pois as entidades não concordaram com a gestão da federação que elege um bósnio, um croata e um sérvio para a representatividade política na Bósnia e exigiram que este sistema seja substituído por um único presidente, como acontece nos outros países da União Europeia, o que não agradou a federação da Bósnia que se recusou a mudar o sistema.

O resultado veio cerca de 1 ano depois, em abril de 2011 a Federação foi suspensa o que impediu a seleção e os clubes nacionais de participarem de competições ou partidas internacionais (ESPN, 2011). As ações punitivas da FIFA só continuaram ao longo dos anos, a suspensão de uma federação por conta de interferências do governo de um Estado na federação só aumentou, em 2014 a FIFA juntamente com a CAF puniram a Federação Nigeriana de Futebol após uma série de ameaças de expulsão por parte da FIFA desde 2010, caso semelhante ao da Associação de Futebol do Kuwait em 2016 e de tantas outras federações e associações.

3.4.1. A QUESTÃO DIPLOMÁTICA ENTRE CLUBES UCRANIANOS X CLUBES RUSSOS

A discussão geopolítica em meio ao futebol nos pós globalização se tornou válida, afinal, é importante observar a geopolítica e a diplomacia entre os Estados para se evitar casos como El Salvador x Honduras que foi explicitado no capítulo dois. As confederações continentais e a FIFA são responsáveis por sorteios e cruzamentos nas competições que são criadas pelas mesmas, o que requer atenção enquanto a situação diplomática dos Estados que participam das competições. No final de 2013 a crise política e a relação turbulenta entre os dois membros da antiga URSS, Ucrânia e Rússia afetaram o futebol, enquanto a crise política polarizada entre lideranças que pode ser explicado com um exemplo do futebol:

A Ucrânia é uma nação dividida. O leste - Donetsk - mantém fortes os laços com o passado soviético e, conseqüentemente, com a Rússia, tendo inclusive o russo como primeira língua, à frente do ucraniano. O oeste - Kiev - sempre foi pró-Otan, pró-Europa. Essa divisão existe também entre Dynamo Kiev e Shakhtar Donetsk. Questões históricas e culturais. (HOFMAN, Gustavo, 2014).

A crise política causada pela renúncia dos planos de aproximação com a União Europeia e após isso a derrubada de Viktor Yanukovich da presidência da Ucrânia, protestos violentos foram registrados o que fez a UEFA mudar o local da partida que estava para acontecer entre *Dínamo Kiev* e *Valencia* pelo "mata-mata" da *Europa League* da temporada 2013-14. A temporada já não corria na normalidade pois, após pausa de inverno de dezembro de 2013 a tabela do campeonato ucraniano precisou ser alterada às pressas após o *Arsenal Kiev* declarar falência e deixar o campeonato com um clube a menos, porém o campeonato que começou com 16 clubes disputando terminou com 13 após a anexação da Crimeia à Rússia (HOFMAN, 2014).

Os três clubes da região da Criméia (*SKChF Sevastopol*, *Zhemchuzhina Yalta* e *Tavria Simferopol*) foram admitidos no campeonato russo, o que gerou protestos apelando pela intervenção da FIFA e da UEFA na história, porém sem sucesso (LOBO, 2014). Após a questão política ser totalmente preocupante, as federações que cuidam do futebol russo e ucraniano manifestaram seus temores junto à UEFA, e em julho de 2014 o comitê de Emergência da UEFA decidiu que em nenhuma circunstância os clubes ucranianos devem enfrentar clubes russos em nenhuma competição europeia, além disso houve a mudança de cidades que foram autorizadas receber jogos ucranianos (HOFMAN, 2014). Cerca de 1 mês após a decisão da UEFA, o estádio do *Shakhtar Donetsk (Donbass Arena)* foi bombardeado, não houve feridos e nem mortos. Desde então todos os sorteios das fases de grupos da Champions e da Europa League possuem um asterisco, os clubes russos não podem ficar nos mesmos grupos nem em chaves iguais que os clubes ucranianos.

Porém o caso não é o único a ter problemas entre Estados com conflitos já que em ocasiões anteriores a UEFA já havia decidido não incluir no mesmo grupo seleções de Estados que possuem algum imbróglio político e diplomático, como foi o caso da Seleção do Azerbaijão e Armênia em 2006.

3.4.2 A COPA DO MUNDO DE 2014 NO BRASIL: OS EMBATES ENTRE FIFA E A DEMOCRACIA

A Copa do Mundo no Brasil em 2014 foi o evento pré escândalo de corrupção da FIFA em 2015, também foi o evento em que a FIFA mais lucrou na história das Copas, cerca de R\$ 16 bilhões, além do fato de ter sido a Copa com mais controvérsias. Se iniciando pelo clima político, social e econômico brasileiro entre 2013 e 2014 nos quais foram anos que o Brasil foi o palco de um dos maiores eventos esportivos mundiais, abriu o debate para a problemática que até então o secretário geral da FIFA, Jerome Valcke enfatizou que em sua interpretação Copa de Mundo de Futebol seria melhor realizada em ambientes em que o exercício do poder estivesse menos submetido à democracia, comparando a democracia brasileira à democracia russa na qual Valcke destacou que seria mais fácil a realização de uma Copa na Rússia (NAPOLÊS; PRATES, 2015).

Além da afronta à soberania brasileira com a criação do "Território FIFA" que era a delimitação de cerca de dois quilômetros ao redor do estádio que era destinado à área exclusiva FIFA, e da criação da "Lei *Budweiser*" para a venda da cerveja patrocinadora da Copa do Mundo, o que contrariava uma lei de 2003 que proibia a venda de bebidas alcoólicas nos

estádios (NAPOLÊS; PRATES, 2015). Cerca de um ano depois da realização da Copa de 2014, sete dirigentes da FIFA foram presos em um mega escândalo de corrupção sobre a escolha dos Estados que iriam abrigar a Copa do Mundo de 2018 (Rússia) e de 2022 (Catar), além das irregularidades acerca da Copa de 2014 no Brasil.

3.5. SOFT POWER OU SPORT WASHING?

A entrada desenfreada de capitais financeiros, compra de clubes europeus e a corrupção em entidades, clubes e seleções abre a discussão para o ponto: diplomacia, tentativa de “*Sport Washing*” ou *Soft Power*? A expressão *Sport Washing* é a uma prática para melhorar a reputação de uma empresa, de um indivíduo ou de um Estado por meio da realização de um evento esportivo, da compra ou até por meio do patrocínio, ou pela própria participação no esporte, sendo utilizada para encobrir e desviar a atenção dos vícios, crimes ou escândalos dessa pessoa, empresa ou Estado, sendo muito praticada por Estados (SØYLAND, 2020).

É a partir dessa ação que alguns governos, asiáticos e árabes absolutistas, por exemplo, que tem em seus respectivos Estados práticas como crimes contra a humanidade, têm usado o futebol europeu como uma oportunidade para dar ares de imagens positivas e inovadoras aos Estados sem as mudanças necessárias das políticas internas do Estado. Entre os casos mais conhecidos estão os clubes europeus, o Paris Saint Germain da França que tem amplas ligações com o governo do Catar, e o Manchester City da Inglaterra, ligado a Abu Dhabi, porém há capital financeiro chegando no futebol europeu por patrocinadores desses países como as companhias aéreas.

Além disso, Estados asiáticos e árabes compram influências dentro das maiores entidades esportivas (COPA, 2021). Compras milionárias inéditas como é o caso do jogador brasileiro Neymar que custou cerca de 222 milhões de euros aos cofres do PSG em 2017, sendo a transferência mais cara da história futebolística. Outro fato que merece ser discutido neste estudo é o domínio de ditaduras em um dos campeonatos mais tradicionais do mundo, a Premier League (campeonato inglês)⁸. Clubes comprados por ditaduras estão na elite do futebol inglês, como é o caso do Chelsea, Manchester City, Sheffield United e clubes patrocinados diretamente por essas mesmas ditaduras (COPA, 2021).

⁸ De acordo com o *The Guardian*, a Arabia Saudita já gastou pelo menos US \$ 1,5 bilhão em ‘sportwashing’. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/mar/28/saudi-arabia-has-spent-at-least-15bn-on-sportswashing-report-reveals>

A Copa do Mundo na Rússia em 2018, cercada de polêmicas desde o pré-copa com os problemas de compra de votos para a escolha da Rússia como país sede do mundial e todas as questões políticas e diplomáticas que envolvem a Rússia, além das várias denúncias de violação dos direitos humanos que cercavam as construções dos estádios. Essa edição não foi totalmente brilhante pelo retrospecto político interno e externo russo, mas foi a tentativa válida para mostrar um pouco da cultura russa ao mundo.

Porém algo chamou a atenção durante a fase de grupos, em um confronto pelo grupo “E” acontecia um fato que marcou a competição, a herança dos Estados da antiga Iugoslávia, em especial o jogo entre Sérvia x Suíça, onde de virada a Suíça levou a melhor contra a Sérvia com dois gols de Shaqiri e Xhaka levando a Suíça à vice-liderança do grupo, porém o que chama a atenção são as comemorações estritamente políticas: ambos celebraram cruzando as mãos e entrelaçando os polegares, fazendo referência à águia que integra a bandeira da Albânia, que é ligada ao Kosovo que é uma ex-província sérvia de maioria albanesa, que obteve a independência em 2008, porém a Sérvia nunca a reconheceu, portanto para a Sérvia, a região do Kosovo continua sendo sua província, assim essas comemorações de Xhaka e Shaqiri irritaram a Sérvia (ESPN, 2018).

Mesmo antes do início do Mundial, o craque suíço Shaqiri já havia anunciado no Instagram que usaria na Copa da Rússia um par de chuteiras com emblemas da Suíça no calcanhar do pé esquerdo e do Kosovo, no calcanhar do pé direito. Tal fato gerou discussão e polêmica nas Redes Sociais, mesmo antes de as seleções da Suíça e da Sérvia se defrontarem. Cabe lembrar que o Kosovo, uma província autônoma da Iugoslávia e que se tornou território sérvio após a guerra civil, declarou sua independência em 2008, não reconhecida até a presente data pela própria Sérvia, com fortes laços históricos na região, e por países como a Rússia e o Brasil, mas que conta com o apoio de mais de 100 nações, e que foi reconhecido pela FIFA em 2016 (CORNELSEN, Elcio Loureiro. *Cenas políticas de um Mundial – A Copa da Rússia e o universo dos Balcãs*. Ludopédio, São Paulo, v. 109, n. 25, 2018).

A ação comemorativa teve força política, e fez com que alguns dias após o ocorrido a FIFA decidiu abrir processos disciplinares contra os dois jogadores da Suíça além disso a entidade também abriu processos contra a federação sérvia por conta de atos da torcida e contra o treinador da seleção Mladen Krstajic, além da multa para a Federação Polonesa de Futebol pela exibição de uma bandeira política e ofensiva dos torcedores poloneses durante a partida disputada entre Polônia e Senegal ainda durante a Copa da Rússia.

3.5.1 CASO MKHITARYAN E O SPORT WASHING DO AZERBAIJÃO

Um caso essencial para esse estudo mescla dois elementos discutidos neste capítulo: a geopolítica e a tentativa de Sport Washing de um Estado cujo é questionado por boa parte do sistema internacional. Durante a temporada europeia 2018-19 pré pandemia, destaca-se a hegemonia dos clubes ingleses em competições europeias, onde quatro clubes disputaram as finais da *UEFA Champions League* (*Liverpool x Tottenham*) e da *Europa League* (*Arsenal x Chelsea*) porém nenhuma das finais foram disputadas na Inglaterra. O jogo entre *Liverpool* e *Tottenham* válido pela final da *Champions League* foi disputado no *Estádio Wanda Metropolitano* em Madrid na Espanha com vitória do *Liverpool*, enquanto na *Europa League*, a final foi sediada em Baku no Azerbaijão no Estádio Olímpico de Baku onde o clássico londrino confirmou a vitória do *Chelsea* sobre o *Arsenal*.

Porém o fato que roubou o brilho da hegemonia inglesa ocorreu na final da *Europa League* onde mais uma vez, as questões políticas ditaram o jogo e os jornais esportivos quando a ausência do jogador meio-campista Henrikh Mkhitaryan titular do *Arsenal* foi sentida pelo fato do governo do Azerbaijão não ter permitido a entrada do jogador em seu solo.

Mkhitaryan, na época com 30 anos, era jogador titular do *Arsenal*, presente em todos os jogos da *Europa League* pelo clube, menos na importante final. O caso já repercutia na imprensa mesmo antes do clube avançar para a final pois foi levado em conta que o mesmo fato já havia acontecido com Mkhitaryan na mesma competição em 2015 quando ainda era jogador do clube alemão *Borussia Dortmund* e em um jogo válido pela fase de grupos da *Europa League*, o clube optou pela segurança e o jogador não enfrentou o *Gabala*, equipe azerbaijana e não viajou para o Azerbaijão, o mesmo aconteceu quando já jogava pelo *Arsenal* ainda em 2018 (SANTOS, 2019).

O problema para o governo do Azerbaijão é que Mkhitaryan é armênio e observando a história do Azerbaijão entende-se os problemas diplomáticos do Estado, destaca-se os conflitos entre Azerbaijão e Armênia nos quais se dão por disputas étnicas e territoriais em torno da região de Nagorno-Karabakh cujo a maioria étnica é armênia, região que era parte do território do Império Russo até 1917, e após um pequeno período fora da anexação soviética, a Armênia e o Azerbaijão se separaram e entraram em conflitos por conta de várias regiões, incluindo Nagorno-Karabakh até serem anexadas como parte do território da URSS em 1920 e após o declínio da URSS em 1980 e a independência de ambos Estados, se iniciou novamente os conflitos pelo território (DRUMOND, 2020).

Dessa forma, teve início a chamada Guerra de Nagorno-Karabakh, entre forças militares do Azerbaijão e um autoproclamado governo local, apoiado pela Armênia. O conflito durou até 1994. Após o cessar fogo, a região manteve seu governo autônomo, inicialmente com a denominada República de Nagorno-Karabakh, renomeada em 2017 como República de Artsaque. Internacionalmente, a região é majoritariamente reconhecida como parte do Azerbaijão, mantendo controle de facto sobre seu território. A Armênia, apesar de não reconhecer oficialmente o Artsaque por motivos diplomáticos, mantém próxima relação com suas forças governamentais. Já o Azerbaijão continua sua luta diplomática pela retomada de controle sobre o território, e as negociações são mediadas pelo Grupo de Minsk, da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) (DRUMOND, Maurício. O caso Henrikh Mkhitaryan: a UEFA e a geopolítica europeia. Ludopédio, São Paulo, v. 134, n. 55, 2020).

Com este contexto histórico, cenário diplomático desastroso e inexistente entre as duas nações, o governo do Azerbaijão também havia colocado Mkhitaryan em uma lista de pessoas que foram proibidas de entrar em solo azerbaijano por conta de uma ação promovida pela seleção armênia em 2010 e o governo da região Nagorno-Karabakh, onde foi distribuído presentes para moradores da região, Mkhitaryan é muito ativo na causa e sua imagem é bastante ligada à região e logo o jogador recebeu a medalha de ‘defensor da pátria’ do presidente da região (DRUMOND, 2020).

Cerca de um mês antes da final já estava circulando na imprensa europeia que Mkhitaryan não jogaria por ser armênio, o que logo se confirmou através dos comunicados do Arsenal e de Mkhitaryan cerca de uma semana antes do jogo, por questões de segurança o jogador não iria para a final da *Europa League*. Fato é que a situação caiu como uma bomba para torcedores dos *Gunners* e de forma geral, todos que trabalham ou amam o futebol, e numa tentativa de deslegitimar o discurso o ministro do esporte juntamente com o embaixador Azerbaijão na Inglaterra disseram ter enxergado cunho político, já o ministro foi mais violento em seu discurso irônico perguntando indiretamente ao jogador e ao *Arsenal* se eles queriam que enviasse um jatinho ou um tanque de guerra para garantir a segurança do jogador (SCHMIDT, 2019).

As reclamações por parte dos ingleses por conta da logística de terem que viajar para um país não europeu e por não terem vôos direto de Londres para Baku, porém as reclamações não foram acatadas pela UEFA, técnicos e jogadores de vários clubes ingleses reclamaram, um deles o técnico do *Liverpool*, Jürgen Klopp de forma enfática disparou contra a UEFA a chamando de irresponsável, a princípio o *Arsenal* e a UEFA discutiram uma melhor forma de lidar com a crise, de um lado um clube preocupado em perder um dos seus melhores

jogadores e de outro, uma entidade preocupada com a ilegitimidade da decisão e a perda de dinheiro (SCHMIDT, 2019). A imprensa e os torcedores ingleses estavam irritados, e no dia do jogo, algumas pessoas que estavam com a camisa com o número e nome do Mkhitaryan foram paradas pela polícia azerbaijana o que para a imprensa inglesa significou um ataque direto ao jogador armênio.

Fato é que este caso jogou luz onde já sabemos, afinal, este estudo é basicamente sobre isso, a desajustada relação do futebol com a política, a repercussão desse caso só não foi maior pois na mesma semana aconteceu a outra final inglesa em uma competição europeia. Em 2017 a UEFA lançou a campanha *#EqualGame* que consiste em promover a diversidade e conciliação através do esporte, carregando o slogan “Futebol para todos”, é uma campanha justa, que tira um pouco do poder de um número pequeno de ações poderosas e promover a cultura e futebol de outros países, porém no mesmo ano do lançamento desta campanha, Baku foi escolhida como sede da *Europa League* na mesma semana em que estourou o escândalo de lavagem de dinheiro batizado de "*The Azerbaijani Laundromat*" que teria movimentado cerca de € 2,5 bilhões para limpar a imagem do Estado autoritário e tornar algo mais tolerável pelo sistema internacional, utilizando o dinheiro para subornar políticos, ativistas e jornalistas, após o escândalo ter sido revelado na imprensa, apareceram várias novas oportunidades esportivas, como a Fórmula 1, alguns jogos da Eurocopa 2020 (que precisou ser adiada para 2021), além a final da *Europa League* (SCHMIDT, 2019).

As tentativas de *Sport Washing* do governo do Azerbaijão já eram conhecidas, as investidas no futebol europeu se iniciaram por volta de 2012 e logo na temporada 2013/14 os primeiros resultados vieram pelo *Atlético de Madrid* que conseguiu interromper a hegemonia de *Real Madrid e Barcelona* na Espanha (COSTA, 2014). A tentativa de se livrar da imagem carregada de tensões, autoritarismo e conflitos do Azerbaijão teria sido um caso de sucesso de *Sport Washing* e Soft Power como foi de certa forma um sucesso da Rússia durante a Copa de 2018, porém Mkhitaryan pode ter complicado a limpeza, jogando luz a essa discussão pouco conhecida do Cáucaso ou popularmente conhecida por Eurásia, afetando o setor geopolítico do Azerbaijão.

3.6. O FUTEBOL EM TEMPOS PANDÊMICO

Já na contemporaneidade, a temporada 2018/19 foi a última a seguir seu fluxo de normalidade, público nos estádios, jogadores livres para comemorar juntos, com a chegada da COVID-19 diversas áreas do mundo foram impactadas, e não seria diferente no mundo dos

esportes. Em toda sua história, o futebol mundial teve raras exceções de interrupções como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais em que pararam uma temporada porém, não foram todos os campeonatos do mundo, a pandemia de COVID-19 exigiu isso, atingindo os calendários dos clubes, competições e ligas, onde diversos campeonatos simplesmente pararam no meio e outros tiveram seus encerramentos precocemente durante o andamento da temporada 2019/20 como é o caso dos campeonatos belga, francês, argentino, e holandês e os seus campeões foram antecipados.

Competições internacionais foram desmarcadas e o fim de temporada foi adiado para muitos clubes por mais de dois meses (GRACIANO, 2020). Em alguns clubes, a incerteza e a crise financeira eram o medo, pois, a receita dos clubes havia despencado devido às restrições para torcedores nos estádios, emissoras exigem descontos para jogos cancelados, e o estado precário que a pandemia impôs aos clubes, o modelo de negócios ficou sob ataque por um tempo por todos os lados e os clubes tentaram se firmar mesmo sem a receita e os jogos (ESPN, 2020).

Após um período de aproximadamente dois meses e meio o campeonato alemão foi o primeiro a ter uma volta acordada com o governo e com a UEFA, a Alemanha precisou submeter seu futebol a uma verdadeira operação de guerra contra o vírus onde todos os jogadores das duas primeiras divisões germânicas passaram por três rodadas diferentes de exames para o coronavírus por semana, além disso, todos os atletas precisaram ficar confinados durante uma semana em quartos individuais de hotéis para que a primeira rodada fosse realizada e ao longo do andamento da competição, os jogadores continuarão passando por novos testes. E, de acordo com as regras do governo alemão, quem testasse positivo precisaria entrar em quarentena de 14 dias, junto com todas as pessoas com quem ele teve contato, além do fato que a qualquer momento o campeonato poderia ser paralisado novamente (REIS, 2020).

O protocolo alemão serviu como modelo para outras federações europeias, e as medidas semelhantes foram adotadas na Espanha, onde os clubes tiveram um mês de treinamento em condições especiais antes de voltarem às competições. Isso valeu para a Inglaterra, onde a volta do futebol foi acordada com a aprovação de um conjunto de regras para minimizar riscos de contágio. E em julho de 2020 o futebol europeu já estava se encaminhando para o fim, com os torneios europeus com datas marcadas. O fim da temporada 2019/20 se deu no final de agosto quando foi disputada a final da *Champions League* e da *Europa League*, tendo como campeões o *Bayern München* e o *Sevilla*, respectivamente. O final atrasado da temporada 2019/20 fez com que a temporada 2020/21 se iniciasse rapidamente, sem férias, apenas um pequeno recesso para os jogadores e logo na primeira semana de setembro houve o

recomeço dos campeonatos e dos *playoffs* da *Champions League* e da *Europa League* (ESPN, 2020).

Com o rápido reinício dos campeonatos foi colocado em xeque a organização e os protocolos de combate ao COVID-19, problemas começaram a surgir ou já vieram arrastados da temporada passada e se tornaram relevantes durante a temporada que estava em andamento no futebol europeu, e em meio a uma segunda onda de COVID-19 na Europa, o futebol foi uma das maneiras de entretenimento encontrada pelos governos europeus para manter seus cidadãos em casa (ESPN, 2020).

Um dos problemas do início da temporada foi a alta taxa de infecção de jogadores, membros de comissões técnicas, trabalhadores internos dos clubes, porém houve um caso incomum no campeonato italiano, caso este que o clube foi prejudicado por um órgão do Estado. Válido pela terceira rodada da Série A (campeonato italiano), um dos clássicos do futebol italiano, *Juventus x Napoli* partida que não aconteceu e a *Juventus* foi declarada vencedora por *W.O.* no jogo que não aconteceu no dia 4 de outubro de 2020.

Além disso a justiça desportiva italiana não só deu a vitória por 3 a 0 para a *Juventus* mas também puniu o *Napoli* com a perda de um ponto na tabela do campeonato. O clube da cidade de Nápoles foi impedido de embarcar para Turim dias antes do jogo pois havia dois casos de COVID-19 no elenco napolitano, entre eles o macedônio Elijf Elmas e o polonês Piotr Zielinski, além de um membro da comissão técnica, ao notificar os exames para as autoridades, a equipe foi proibida de viajar pelas autoridades sanitárias, assim a equipe teria que entrar em confinamento (ESPN, 2020).

Os organizadores da Série A juntamente com a Federação Italiana de Futebol (FIGC), recusaram o cancelamento da partida, já que no protocolo prevê que os jogos podem acontecer caso as equipes tenham ao menos 13 jogadores saudáveis, entre eles um goleiro. A Justiça desportiva da Itália decidiu na semana seguinte que o resultado do jogo entre *Juventus* e *Napoli*, seja declarado vitória de 3 a 0 para o mandante, além disso, o *Napoli* foi punido com a perda de um ponto por não ter comparecido à partida (ESPN 2020).

O clube recorreu da sentença e após um período, o clube napolitano ganhou e enfrentou a *Juventus* cerca de 6 meses após o ocorrido, além da reversão do *W.O.* e da sanção de 1 ponto. Fato semelhante ocorreu em outros campeonatos como na Copa da Liga Inglesa em que o clube *Leyton Orient* iria enfrentar o *Tottenham*, porém teve um surto de COVID-19 no elenco e não pode ir a campo, além da fase preliminar da *Champions* ter registrado dois *W.O.* em jogos diferentes (ESPN, 2020).

Atualmente observa-se a volta dos torcedores aos estádios europeus, a volta daquela velha atmosfera nos estádios, o que traz aquele bom sentimento de que tudo se encaminha à normalidade, porém a relação embaraçada entre política, futebol, diplomacia e lei não será ainda resolvida tão cedo se o futebol continuar neste caminho com a ausência da cooperação esportiva política. Ainda há os que insistem em dizer que futebol e política não andam juntos, para estes o futebol é apenas “pão e circo”, porém se constata neste estudo que, desde a conjuntura da Segunda Guerra Mundial há essa mistura que às vezes pode ser boa, outras o contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certa forma, foi observado neste estudo o inevitável processo de politização que o futebol passou ao longo da sua modernização, desde a criação de clubes de futebol de origens proletárias e recreativas até o auge do que se vive hoje, o enriquecimento extraordinário dos clubes, jogadores, dirigentes, diretores, e entidades sejam elas mundial como a FIFA e continental, como a UEFA, CONMEBOL, CAF e outras. Logo no primeiro capítulo, foi analisado um histórico padrão sem o retrospecto político e como foi a afirmação do futebol enquanto esporte mais popular do mundo através das crises enfrentadas pelos clubes e pela FIFA, cujo a tradição do futebol moderno inicial da Inglaterra não foi deixada de lado ao longo das guerras que assolaram o mundo durante a metade do século XIX.

A conjuntura da mistura política com o futebol foi trabalhada durante o segundo capítulo, onde se iniciou durante os regimes autoritários europeus, o nazismo e o fascismo viram no futebol uma oportunidade de vincular seus governos ao sucesso numa tentativa de consolidação no sistema internacional. Essa prática logo se tornou comum aos olhos de outros líderes de Estados, e no decorrer do capítulo se perpassa por casos como a construção de uma das maiores rivalidades do futebol mundial, *Barcelona x Real Madrid*, e o uso do time da capital espanhola para consolidação da Ditadura Franquista em ambiente internacional.

Usos do futebol como palanque político também voltaram a ser muito evidentes durante as realizações de Copas do Mundo no período pós-guerra, como o caso do Brasil durante a ditadura militar e o ‘tripleto’ consagrador de ser a primeira e única seleção da época a conquistar 3 títulos de copas do mundo em 1970 usado como instrumento de patriotismo (sentimento muito forte até os dias atuais envolta da “amarelinha” camisa da seleção brasileira). Fato é que isso encobriu várias violações dos Direitos Humanos que aconteciam internamente durante o período mais duro da ditadura brasileira.

Nessa mesma linha, a “Guerra do Futebol” é um fator importante para esse estudo, onde não houve quaisquer cooperação e cuidado por parte dos Estados e da FIFA, o que logo foi um dos primeiros resultados negativos dessa mescla intensa entre a política, diplomacia e futebol. Além das crises e os choques que existem entre governos, clubes, entidades e torcedores que trazem política ativa por meio de cânticos, atos e até a violência que é um fenômeno mais específico dos Hooligans de uma torcida.

O nacionalismo, racismo, preconceito se tornaram frequentes em cantos de torcidas espalhados pelo mundo, tendo mais visibilidade no futebol europeu, torcidas assumidamente

fascistas na Itália até os *ultras* das torcidas dos clubes do leste europeu ditam e dão tom à política nos estádios de futebol mundo à fora.

A falta de cooperação, e diálogos entre os Estados e as entidades controladoras do futebol em nível mundial e continental levaram os conflitos políticos e diferenças diplomáticas para os campos de futebol, embora as entidades não tenham esse propósito de controle político e diplomático entre os Estados para que isso não respingue diretamente no futebol como foi estabelecido ao longo do terceiro capítulo. A chegada da globalização com inúmeras mudanças fez com que essas crises entre a política e o futebol aumentassem por inúmeros fatores, como por exemplo a mercantilização de clubes e jogadores que se tornou comum após os anos 2000.

O futebol tornou-se um negócio bastante rentável, os investidores são inúmeros, e em algum momento deste processo de entrada desenfreada de capital no futebol, os clubes começaram a ser financiados por interlocutores de Estados cuja imagem é bastante questionada no ambiente internacional e em alguns casos há perguntas sobre a origem do dinheiro do clube. Além dos novos episódios da problemática diplomática no futebol como o caso dos clubes ucranianos e russos e o uso do *Soft Power* pela FIFA e a tentativa de *Sport Washing* feita por alguns Estados, ambos resultaram em problemas como as Copas de 2014, 2018 e brevemente a Copa de 2022, além do caso Mkhitarjan, indispensável para este estudo.

Fato é que o dinheiro desenfreado que corre nas mãos dos atores que fazem o futebol acontecer, muita das vezes não estão pensando nas consequências que geram com relação aos torcedores, como recentemente, com a criação de uma Superliga europeia entre algum dos clubes mais ricos de 3 das 5 maiores ligas do mundo, como forma de se opor a UEFA e a FIFA e as regras financeiras impostas pela mesma (FUTEBOL GEOGRÁFICO, 2021). Essa ação levou milhares de torcedores dos clubes envolvidos e fãs de futebol a protestarem nos estádios e na internet, pois isso impactaria a memória e a tradição do futebol de 1860 e não teria nenhum valor emocional para a torcida apenas financeiro para os clubes.

A pandemia de COVID-19 também foi foco de estudo no terceiro capítulo quando impactou o futebol mundial e mostrou as falhas de gestão de alguns campeonatos nacionais, bem como o imbróglgio das regras de uma competição superarem as leis do Estado no caso *Napoli X Juventus*. Além dos impactos nas competições entre seleções, como foi recentemente o caso do Brasil x Argentina pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2022.

Em conclusão podemos julgar a FIFA e suas confederações continentais com relação à problemática política, diplomática e geopolítica pois tem-se elementos e episódios suficientes para apontar as falhas de gestão. A construção de uma comissão especial para entender assuntos políticos e diplomáticos entre Estados, procurar entender que protestos são

inerentes aos indivíduos que jogam futebol e torcem dentro de estádios, e estabelecer cooperações e diálogos entre os Estados são algumas das formas que as entidades podem evitar problemas que afetam todos os envolvidos. Além disso, as entidades são instituições ineficientes no combate de casos de racismo e LGBTFOBIA, e ineficazes nas próprias regras de *Fair Play* financeiro.

É importante compreender o quão grande é o futebol para a torcida, o futebol se transforma em saga, desperta paixões, cria mitos, heróis, glórias, tragédias, e é exaltado por multidões. Acima do futebol resta a lenda, a estranha magia que se impõe ao esporte. A tal magia do futebol, magia essa que é retratada vivamente nos ‘milagres’ que o futebol nos propõe, milagres como os de *Istambul*, a *Conquista do Porto*, a *Premier League do Leicester*, e a *La Remontada* e entre outros milagres e viradas históricas fazem do futebol um esporte emocionante, apreciado e amado por muitos torcedores.

REFERÊNCIAS

- FIFA. The cradle of football. World Football, [S. l.], p. 1, 19 out. 2004. Disponível em: <https://www.fifa.com/news/the-cradle-football-94490>.
- FIFA. The first kings of the world. 1930 FIFA WORLD CUP, [S. l.], p. 1, 30 jul. 2015. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/news/the-first-kings-of-the-world-2668620#members-of-the-the-uruguayan-team-celebrate-after-winning-the-jules-ri-2668412>.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- NARCIZO, Makchwell Coimbra. O futebol sob o signo da suástica: após o Terceiro Reich ou – o futebol alemão após a queda do nazismo. Ludopédio, São Paulo, v. 136, n. 6, 2020.
- BRUM, Maurício. O inverno da esperança: como a Copa do Mundo de 1950 chegou ao Brasil e por que ela partiu o coração do país. Porto Alegre: Fronteira, 2014.
- GUTTMANN, Allen et al. Japanese sports: a history. [S. l.: s. n.], 2001. 320 p.
- RIDDOCH, Andrew; KEMP, John. When the Whistle Blows: The Story of the Footballers' Battalion. [S. l.: s. n.], 2008.
- MORLINO, Bernard. Craques do futebol. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- SCHMIDT, Felipe. Futebol e 1ª Guerra: batalhão próprio, trégua e um protótipo da Champions. Globo Esporte, [S. l.], p. 1, 28 jul. 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2014/07/futebol-e-1-guerra-batalhao-proprio-tregua-e-um-prototipo-da-champions.html>.
- BARRINHA, André; NUNES, Ivan. O futebol e a globalização. FUTEBOL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS, [S. l.], p. 127-140, 1 jun. 2004. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/42933>.
- MALAIÁ, João Manuel Casquinha. Futebol e História: Parte 2. Separata de: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo. O futebol nas ciências humanas no Brasil. [S. l.]: Editora da Unicamp, 2020. cap. 7, p. 800.
- GEHRINGER, Max. A SAGA DA JULES RIMET: A História das Copas de 1930 a 1970. Placar, [S. l.], v. 6, p. 1-46, 16 mar. 2006.
- Leite Junior, Emanuel & Rodrigues, Carlos. (2018). O futebol na China: do cuju (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial. Mosaico. 9. 262. 10.12660/rm.v9n14.2018.74092.
- PIRES, Breiller. Vasco da Gama, o clube que abriu as portas do futebol para os negros. El País, [S. l.], p. 1, 7 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/deportes/1554498170_792322.html.
- CROUCH, Terry. The World Cup: The Complete History. [S. l.]: Aurum Press, 2010. 648 p.

CONMEBOL. Copa do Mundo 1930: a primeira estrela do Uruguai, [S. l.], p. 1, 30 jul. 2019. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/copa-do-mundo-1930-primeira-estrela-do-uruguai>.

THE HISTORY OF THE FA. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>.

MILLS, John. Charles Miller: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2005.

PEREIRA, Ricardo Costa. O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918). História - Revista da FLUP. Porto, v. 8, n. 2, p. 174-196, 2018.

Brown, Malcolm. Meetings in no man's land: Christmas 1914 and fraternization in the Great War. 2007. ISBN 978-1845295134. 278 p.

FIFA. 1954 WORLD CUP FINAL: Germany FR 3-2 Hungary. FIFA, [S. l.], p. 1, 3 jul. 2014. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/archive/switzerland1954/#>.

CONMEBOL. A Instituição. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/content/conmebol-como-instituicao-0>

FIFA. History of FIFA - Foundation. In: History of FIFA - Foundation. [S. l.], 27 jan. 2007. Disponível em: <https://www.fifa.com/news/history-fifa-foundation-447>.

Oliveira, A. F. de. (2012). Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol, 4(13). Recuperado de <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154>

GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

LEITE JÚNIO, E. F., RODRIGUES, C. THE CHINESE FOOTBALL DEVELOPMENT PLAN: SOFT POWER AND NATIONAL IDENTITY. HOLOS [en linea]. 2017, 5(), 114-124[fecha de Consulta 18 de Março de 2021]. ISSN: 1518-1634. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481554850010>.

FIFA. FIFA MEMBER ASSOCIATIONS. FIFA, [S. l.], p. 1, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://www.fifa.com/associations/>.

COSTA, Leda. O vilão trágico e os 70 anos do Maracanazo. Ludopédio, São Paulo, v. 134, n. 8, 2020.

PIRES, Breiller. Quando o oportunismo político se apropria da festa do futebol. El País, [S. l.], p. 1, 22 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/23/deportes/1555979200_847108.html. Acesso em: 2 maio 2021.

PIRES, Breiller. Futebol e política, uma mistura tão óbvia quanto a alienação de quem a despreza. El País, [S. l.], p. 1, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/futebol-e-politica-uma-mistura-cao-obvia-quanto-a-alienacao-de-quem-a-despreza.html>. Acesso em: 2 maio 2021.

ARISTÓTELES. Política. São Paulo, SP: Martin Claret, 2001

PRATES, Raphael Vieira da Cunha. Organizações internacionais: a FIFA e a atuação do Comitê de Disciplina. 2016. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DE SANTA CATARINA, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/174626/Monografia%20do%20Raphael%20Prates.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 set. 2020.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. 332p.

ROSA, Thiago. Itália e a Copa de 34: uma vitória com toques de fascismo. Ludopédio, São Paulo, v. 119, n. 24, 2019.

SILVA, Ana Paula Florisbello da. 17 de fevereiro de 1974 – Barcelona 5, Real Madrid 0: Abertura política e El Clásico no fim da Ditadura Franquista. Ludopédio, São Paulo, v. 138, n. 46, 2020.

CALLEJA, Eduardo González. El Real Madrid, ¿"Equipo del Régimen"? Fútbol y política durante el Franquismo. Esporte e Sociedade. Niterói, n. 14, 2010.

SAMPAIO, João Pedro. Futebol e política no Brasil, uma história interligada. Ludopédio, São Paulo, v. 132, n. 44, 2020.

RIBEIRO, Luiz. Futebol e Política. Separata de: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo. O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil. [S. l.]: Editora Unicamp, 2020. cap. I.

DOUGAN, Andy. Futebol & Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

SIGOLI, Mário André; JUNIOR, Dante De Rose. A história do uso político do esporte. Ponto de Vista, [S. l.], p. 111-119, 24 jun. 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/173309/mod_resource/content/1/marquinho%20A%20hist%C3%B3ria%20do%20uso%20pol%C3%ADtico%20do%20esporte%20imprimir.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. O futebol sob o signo da suástica: o Terceiro Reich no poder. Ludopédio, São Paulo, v. 135, n. 11, 2020.

COPA, além de copa: Uso do esporte pelos regimes nazifascistas das décadas de 1930 a 1940 [Locução de]: Carlos Massari e Aurélio Araújo. [S. l.]: Jun. de 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7DoCnKTQn8naQ8xj6amchK?si=bb5913ef60254726>. Acesso em: 03 de jun. 2021.

CACCOZZA, Danielle. Dai "Prati di Caprara" a "Internet" un cammino lungo 90 anni. FIGC-LND Settore Giovanile e Scolastico, Bologna, Ita, v. 1, 31 out. 2010. Il Direttorio Regionale (1926-1933), p. 36-42. Disponível em: <http://xoomer.virgilio.it/labertoz/csi/8.htm>. Acesso em: 3 jun. 2021.

COPA, Copa Além da. O Bayern de Munique, a resistência ao nazismo e o resgate da memória. Ludopédio, São Paulo, v. 137, n. 3, 2020.

DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. Estudos Históricos (Rio de Janeiro) [online]. 2009, v. 22, n. 44 [Acessado 4 Junho 2021], pp. 398-421. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>>. Epub 07 Jul 2010. ISSN 2178-1494. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização, 2004.

CARVALHO, José Eduardo. Geopolítica: 150 anos de futebol. São Paulo: Ed. SESI, 2012.

COPA, Copa Além da. Guerra do futebol: quando um jogo foi o estopim de um conflito. Ludopédio, São Paulo, , 2020.

PIRES, Breiller. A seleção que ‘presenteou’ a ditadura com uma taça. EL PAÍS, [S. l.], p. 1, 7 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-ue-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html>.

BONSANTI, Bruno. Como a sociedade inglesa levou ao surgimento dos hooligans no futebol. Trivela, [S. l.], p. 1, 14 abr. 2014.

PIRES, Breiller. João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura. EL PAÍS, [S. l.], p. 1, 3 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110_086687.html

VIOLA, Eduardo; LEIS, H. R. . Sistema Internacional com Hegemonia das Democracias de Mercado. Desafios de Brasil e Argentina. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2007. 231p .

FAVERO, Paulo Miranda. Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Ludopédio, São Paulo, 2006.

BUENO, Igor; JÚNIOR, Wanderley. A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA INSERÇÃO DO FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL. UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol. 3 – n. 1 – 2020, Revista do PPGCS, p. 127-151, 28 maio 2020. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/503>.

MÜLLER, Uwe. Esporte e Globalização. Educação Física: globalização e profissionalização , Motrivivência, v. n. 10 (1997), p. 17-25, 1 jan. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4998>.

MARTINS, Gabriel Sulino. A globalização futebolística: a ida de jogadores brasileiros para o exterior. Ludopédio, São Paulo, , 2019.

FIGOLS, Victor de Leonardo. Jean-Marc Bosman: o jogador que revolucionou o futebol. Ludopédio, São Paulo, , 2018.

NARCIZO, Makchwell. Dos campos de futebol para os campos de batalha: uma análise da Guerra dos Balcãs. Revista Fúlia. v. 2, n. 2 (2017).

NARCIZO, Makchwell Coimbra. Os conflitos nos Balcãs a partir dos personagens que escreveram algumas das páginas mais sangrentas da história do futebol. Ludopédio, São Paulo, 2021.

STEIN, Leandro. O jogo de futebol que escancarou a guerra na Iugoslávia completa 30 anos. Trivela, [S. l.], p. 1, 14 maio 2020.

UEFA. UEFA Champions League. 1990/91: Estrela Vermelha conquista Europa. FK Crvena Zvezda 0-0 Olympique de Marseille (Estrela Vermelha vence 5-3 nos penaltis), [S. l.], p. 1, 29 maio 2014. Disponível em: <https://pt.uefa.com/uefachampionsleague/news/0101-0e6a0d25f14c-2e62c2b77345-1000--1990-91-estrela-vermelha-conquista-europa/>.

STEIN, Leandro. Os 30 anos da Champions conquistada pelo Estrela Vermelha, a última glória de um país esfacelado. Trivela, [S. l.], p. 1, 29 maio 2021. Disponível em: <https://trivela.com.br/leste-europeu/estrela-vermelha-ultima-gloria-de-um-pais-esfacelado/>.

FARIAS, Gabriel Assis. Os usos políticos do esporte: a instrumentalização esportiva no decorrer da história. Ludopédio, São Paulo, v. 134, n. 60, 2020.

WILSON, Jhonathan. A pirâmide invertida: a história da tática no futebol. Tradução André Kfourri. 1. ed. Campinas, SP: Grande Área, 2016.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Os donos no futebol. Ludopédio, São Paulo, v. 133, n. 68, 2020.

GONÇALVES, Glauco Roberto. O lucro engole o lúdico – elementos para compreender como a FIFA ganha dinheiro. Goiânia. Kelps, 2018

OLIVEIRA, Jonathan Rocha de; CAPRARO, André Mendes. Independência catalã, identidade e globalização no Fútbol Club Barcelona. Motrivivência, [S. l.], ano 2020, v. 32, n. 61, p. 01 - 21, 13 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e64993>.

SUPPO, H. (2012). Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. Contexto Internacional, 34(2), 397-433.

OLIVEIRA PIZARRO, Juliano. Governança desportiva: uma inflexão da governança global?. rev.relac.int.estrateg.segur., Bogotá, v. 13, n. 1, p. 195-219, June 2018. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1909-30632018000100195&lng=en&nrm=iso>.

SILVA PIRES DE FREITAS, G.; GONZAGA GODOI TRIGO, L. O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira. FuLiA / UFMG, [S.

l.], v. 4, n. 3, p. 115–134, 2020. DOI: 10.17851/2526-4494.4.3.115-134. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22206>. Acesso em: 3 set. 2021.

PIZARRO, Juliano Oliveira. FIFA E GOVERNANÇA GLOBAL: ATUAÇÃO A PARTIR DA ANÁLISE DO SOFT POWER (1990-2015). 2015. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

NYE, Jr., Joseph S. Soft power: the means to success in world politics. New York: Public Affairs, 2004

DIAS, Pedro Henrique Andrade. A partida da paz – Irã e Estados Unidos juntos em uma Copa do Mundo. Ludopédio, São Paulo, v. 141, n. 27, 2021.

CARRASCO, Tiago; HENRIQUES, João; FONTES, João. As feridas de Cabinda – Lomé, Togo. Ludopédio, São Paulo, v. 14, n. 3, 2010.

FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Terrorismo: quando a bola vira alvo. Ludopédio, São Paulo, v. 94, n. 18, 2017.

NDLOVU, S. Sports as cultural diplomacy: the 2010 FIFA World Cup in South Africa's foreign policy. Soccer & Society, [s. l.], v. 11, n. 1/2, p. 144–153, 2010.

THE GUARDIAN (UK). Israelis left out of West Ham's training trip to the Gulf. Sports, The Guardian, p. 1, 11 abr. 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2006/apr/11/newsstory.sport6>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ESPN COM AGÊNCIA AFP. FIFA e UEFA interferem em assuntos políticos e ameaçam expulsar a Bósnia. ESPN, [S. l.], p. 1, 27 out. 2010. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/156574_fifa-e-uefa-interferem-em-assuntos-politicos-e-ameacam-expulsar-a-bosnia.

GLOBO ESPORTE (Brasil). Fifa suspende Kuwait por interferência do governo no futebol local. FIFA, Globo Esporte, p. 1, 16 nov. 2015. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/10/fifa-suspende-kuwait-por-interferencia-do-governo-no-futebol-local.html>.

GLOBO ESPORTE (Brasil). Fifa anuncia suspensão à Nigéria por interferência do governo na Federação. Globo Esporte, [S. l.], p. 1, 9 jul. 2014. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2014/07/fifa-anuncia-suspensao-nigeria-por-interferencia-do-governo-na-federacao.html>.

Repolês, Maria Fernanda Salcedo e Prates, Francisco de Castilho FIFA, a Democracia e a Soberania: tensões e paradoxos. Sequência (Florianópolis) [online]. 2015, v. 00, n. 70, pp. 211-233. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2177-7055.2015v36n70p211>>. ISSN 2177-7055. <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2015v36n70p211>.

SØYLAND, Håvard Stamnes - Qatar's sports strategy: a case of sports diplomacy or sportswashing? Lisboa: Iscte, 2020. Dissertação de mestrado. Disponível em [www:<http://hdl.handle.net/10071/ >](http://hdl.handle.net/10071/).

RODRIGUES, Jorge Luiz. Fifa abre procedimentos disciplinares contra Shaqiri e Xhaka por gestos políticos. *Globo Esporte*, Moscou, Rússia, p. 1, 23 jun. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/fifa-abre-procedimentos-disciplinares-contrashaqiri-e-xhaka-por-gestos-politicos.ghtml>.

DRUMOND, Maurício. O caso Henrikh Mkhitaryan: a UEFA e a geopolítica europeia. *Ludopédio*, São Paulo, v. 134, n. 55, 2020.

COSTA, Guilherme. Ditadores e Azerbaijão ajudam a contar ascensão do Atlético de Madri. *UOL*, [S. l.], p. 1, 23 maio 2014. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/liga-dos-campeoes/ultimas-noticias/2014/05/23/ditadores-e-azerbaijao-ajudam-a-contar-ascensao-do-atletico-de-madri.htm>.

SCHMIDT, Tébaro. O curioso caso de Mkhitaryan: Liga Europa joga luz na relação desajeitada entre futebol e política. *Globo Esporte*, [S. l.], p. 1, 28 maio 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/liga-europa/noticia/o-curioso-caso-de-mkhitaryan-liga-europa-joga-luz-na-relacao-desajeitada-entre-futebol-e-politica.ghtml>.

DOWARD, Jamie. Amnesty criticises Manchester City over 'sportswashing'. *The Guardian*, [S. l.], p. 1, 11 nov. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/law/2018/nov/11/manchester-city-owners-accused-sportswashing-gulf-image>.

PEREIRA, Ana Fonseca. Azerbaijão gastou milhões para "limpar" a sua imagem na Europa. *Público - Portugal*, [S. l.], p. 1, 5 set. 2017. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/09/05/mundo/noticia/azerbaijao-gastou-milhoes-para-limpar-a-sua-imagem-na-europa-1784397>.

GLOBO ESPORTE (Brasil). Arsenal confirma que Mkhitaryan está fora da final da Liga Europa no Azerbaijão por ser armênio. *Globo Esporte*, [S. l.], p. 1, 21 maio 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/liga-europa/noticia/arsenal-confirma-que-mkhitaryan-esta-fora-da-final-da-liga-europa-por-cao-de-conflito-diplomatico.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2021.

ESPN.COM.BR (Brasil). Napoli é punido por não jogar com a Juventus, perde ponto e cai na tabela do Campeonato Italiano. *ESPN*, [S. l.], p. 1, 14 out. 2020. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/7584377/apos-wo-contraa-juventus-napoli-perde-ponto-e-cai-na-tabela-do-italiano.

FUTEBOL GEOGRÁFICO. A Super League não é novidade. Rio de Janeiro, 12 set. 2021. Instagram: @futebolgeografico. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTuj1Qyrq0J/>